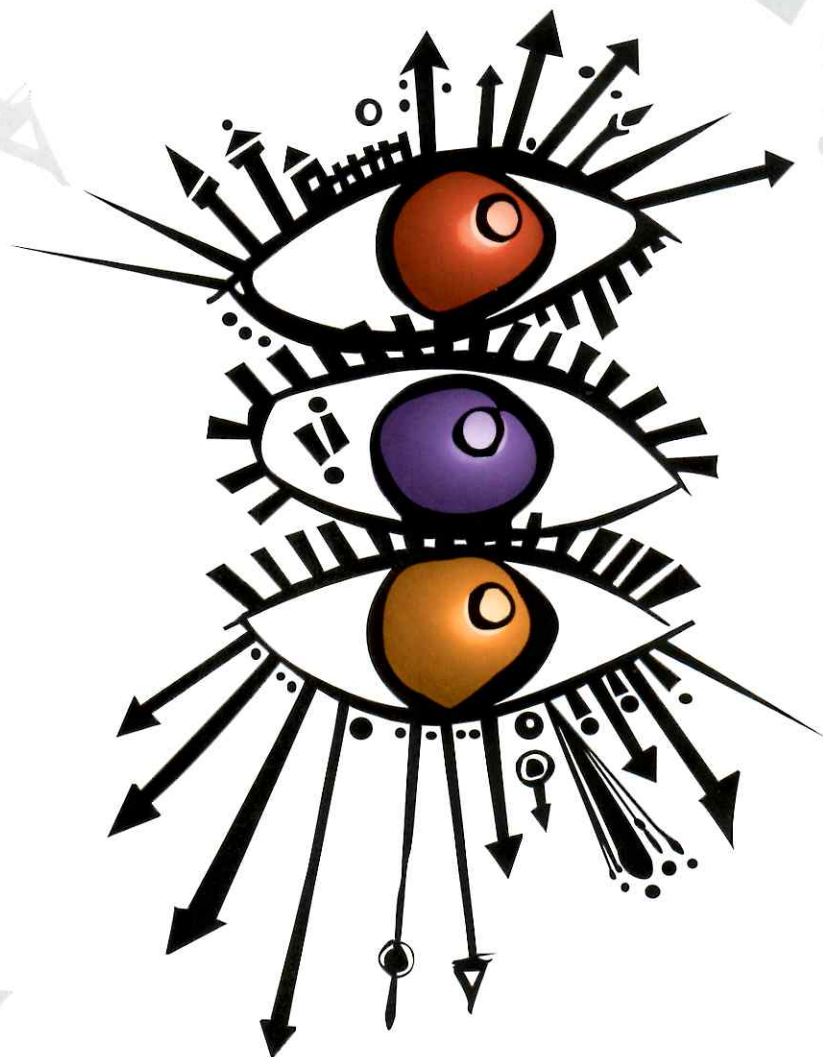


ORDEM DO MÉRITO CULTURAL 2007



Fixe o olhar sobre a logomarca OMC 2007 à esquerda por alguns minutos.
Em seguida, dobre esta parte da capa de encontro ao verso do catálogo e veja a projeção da logomarca
com as cores da bandeira brasileira.



ORDEM DO MÉRITO CULTURAL 2007

A Ordem do Mérito Cultural foi instituída pelo Ministério da Cultura, em 1995, por decisão do Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, por meio do Decreto no 1.711 de 22 de novembro de 1995. Seu objetivo é tornar público o empenho de cidadãos e cidadãs que, de maneira significativa, destacaram-se na prestação de serviços à Cultura Brasileira.

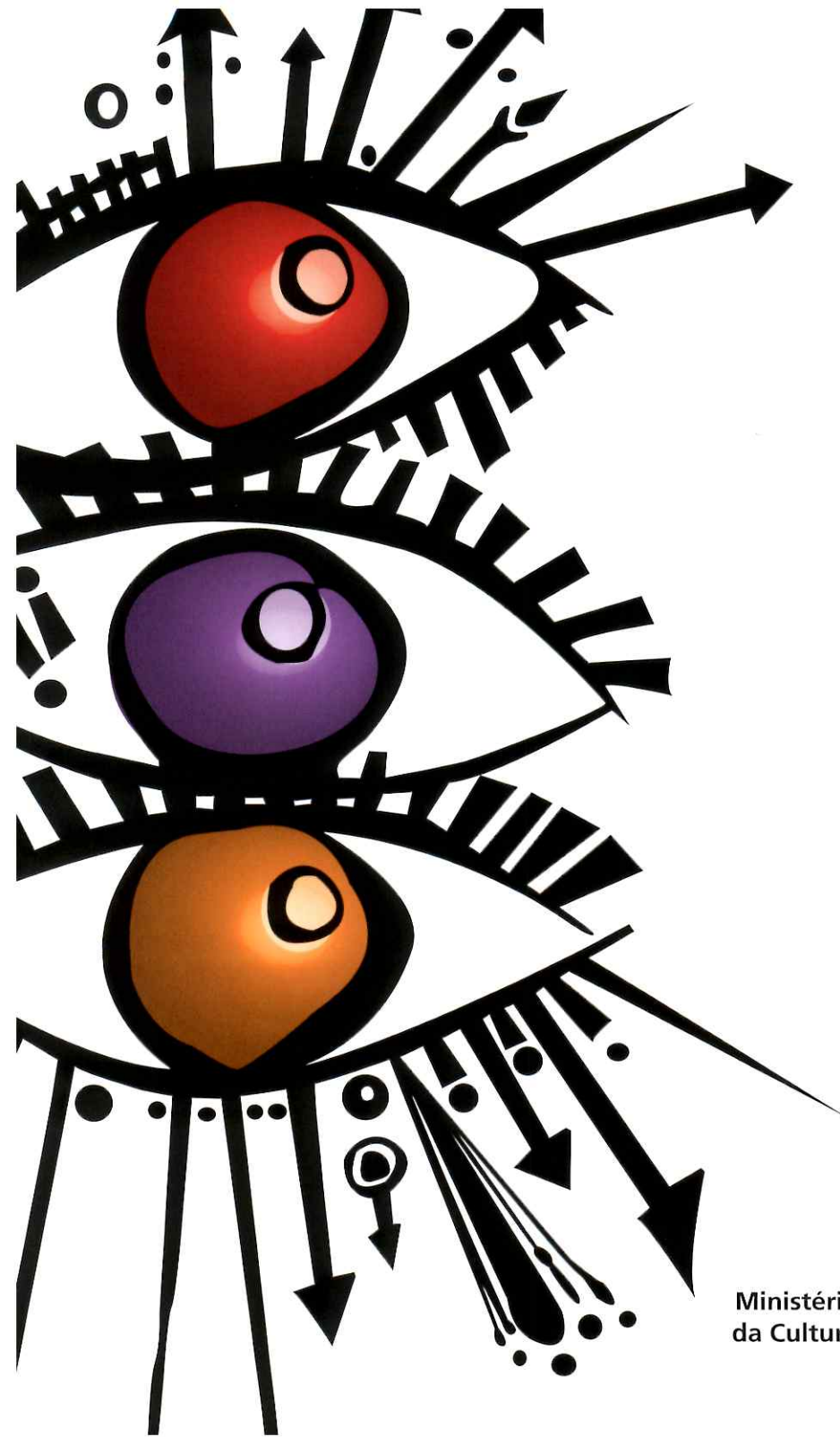
Com esta comenda, o governo retoma uma antiga tradição brasileira que vem desde o Segundo Reinado e tem origens no Século XII, em plena guerra entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica. De acordo com a cerimônia medieval estabelecida pelo rei Afonso VII, de Castela, a monarquia reservava uma medalha, a de São Tiago da Espada, para honrar guerreiros do Cristianismo que defendiam o túmulo de São Tiago, na Galícia, dos ataques mouros.

Restabelecida em Portugal, a partir de 1862, com o título de Ordem de São Tiago do Mérito Científico, Literário e Artístico, a insígnia chegou ao Brasil com o nome de Ordem de São Tiago – já destinada, desde então, aos cidadãos que mais ativamente se dedicavam à Cultura e às Artes.

Com a proclamação da República, esta honraria deixou de ser outorgada no Brasil. Dentre todas as ordens que existiram aqui e em Portugal, esta é a única voltada exclusivamente para a valorização da Cultura.

A medalha da Ordem do Mérito Cultural é uma réplica da antiga condecoração de São Tiago da Espada.





NOVEMBRO 2007

BRASÍLIA DF

Ministério
da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL



ARQUITETURAS, CIDADES E TERRITÓRIOS

Como forma de homenagear o centenário do arquiteto Oscar Niemeyer (na ocasião dos 70 anos do Iphan), a Ordem do Mérito Cultural dá destaque aos diálogos realizados entre as formações culturais (seus campos simbólicos, estéticos e antropológicos) e a dimensão ambiental do espaço brasileiro. Essa forma se plasma no título “Arquiteturas, Cidades e Territórios”.

As noções de “espaço” que repercutem nas três palavras do título, em seus modos plurais de significação, serão observadas nas múltiplas dimensões humanas que elas evocam. Podemos dizer que cada um dos espaços que presenciamos ou construímos é um fenômeno vivido com intensidade cultural. Isso ocorre desde as praças e feiras em torno das quais a habitação se desenvolve no processo de fixação de territórios, de aldeamentos e de urbanização. O Espaço em sua dimensão simbólica é o território da mobilidade, das rotas, dos percursos e dos caminhos que fazem circular pessoas e produtos carregados de sentidos e de economias. Mas também persiste nas dimensões gráficas, sensuais e visuais que agregamos ao nosso corpo em pinturas, vestuários, fantasias, gestualidades e ritmos.

O Espaço é a nossa maneira de viver em comum e em sociedade, a nossa maneira de nos comunicar através dele e estabelecer uma esfera pública. É também nossa prosa e nosso cinema com suas arquiteturas e montagens, seus tempos rápidos e estendidos de contar, descrever e aludir. São justamente essas vitalidades e vivências dos espaços que os humanizam. A presença humana cria seus meios e sistemas de trocas e convívios que se projetam e se traduzem em artes e saberes, expressões e percepções do que é particularmente brasileiro, aquilo que chamamos de Cultura.

O tema proposto é uma forma de refletir sobre a cultura brasileira dando destaque aos agenciamentos da longa experiência ambiental feita há muito em nossa formação sociocultural e constantemente atualizada por criadores e pensadores. Uma experiência singular que nos marca principalmente com suas relações entre natureza e processos de civilização. Essa singularidade é algo que, sem dúvida, foi magistralmente reproposta e arquitetada pelas edificações e especialidades volumosas de Oscar. Mas também marcaram e são marcantes em nossas cidades e suas populações, seus traçados e casarios, nossos territórios geográficos e suas identidades simbolicamente construídas.

Além deste tema (“Arquiteturas, Cidades e Territórios”), foram ressaltados nomes ligados à proteção e promoção da diversidade das expressões culturais, à arqueologia brasileira e às experimentações e técnicas inovadoras na área da convergência tecnológica.

▶ GRÃ - CRUZ

Abdias Nascimento 11

Cartola 13

in memoriam

Dodô e Osmar 15

in memoriam

Glauber Rocha 17

in memoriam

Grande Otelo 19

in memoriam

Helio Oiticica 21

in memoriam

Hermilo Borba Filho 23

in memoriam

Lina Bo Bardi 25

in memoriam

Luiz Gonzaga 27

in memoriam

Orides Fontella 29

in memoriam

Oscar Niemeyer 31

Solano Trindade 33

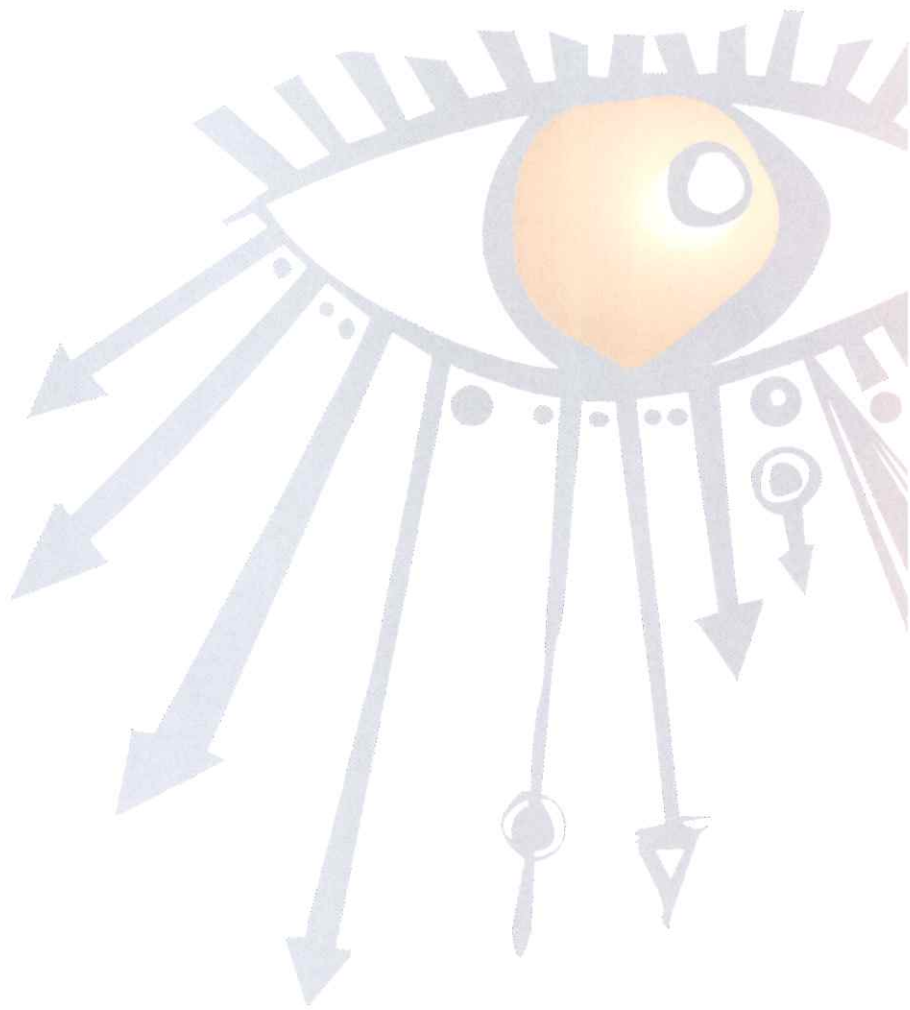
in memoriam

Tom Jobim 35

in memoriam

Walter Smetak 37

in memoriam

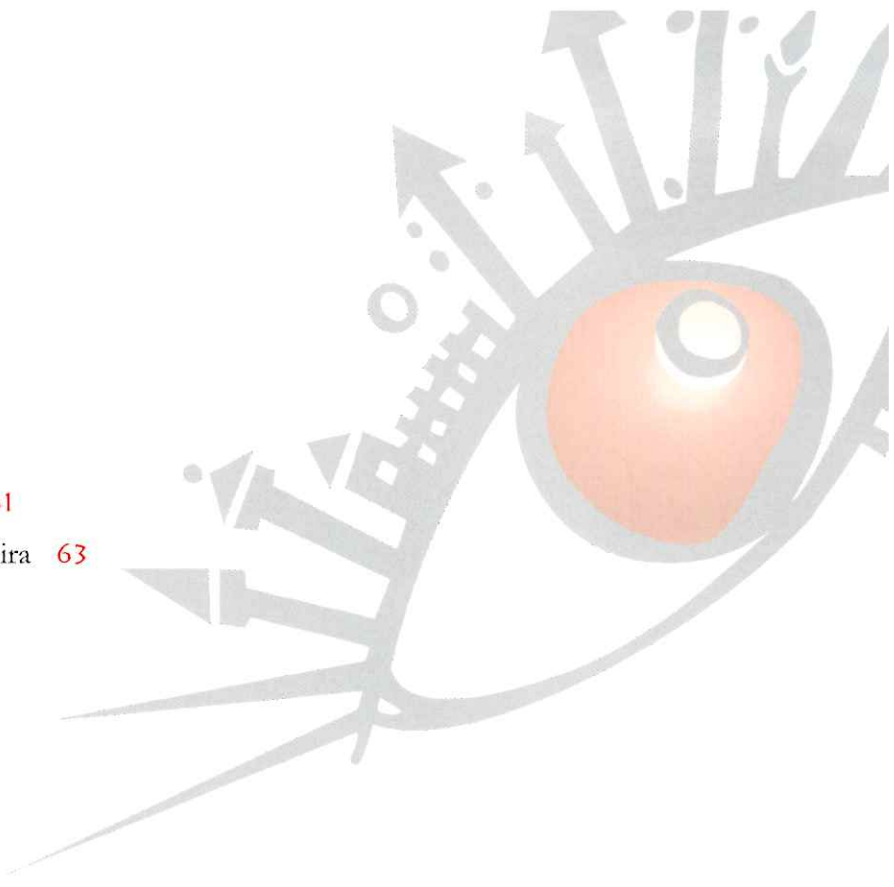


▶ COMENDADOR

Álvaro Siza Vieira 41

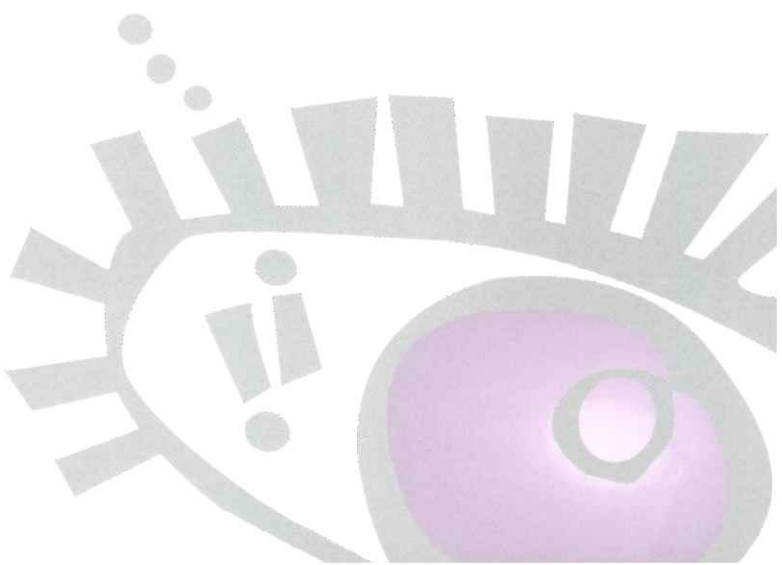
Bárbara Heliodora 43

Cacique Raoni 45

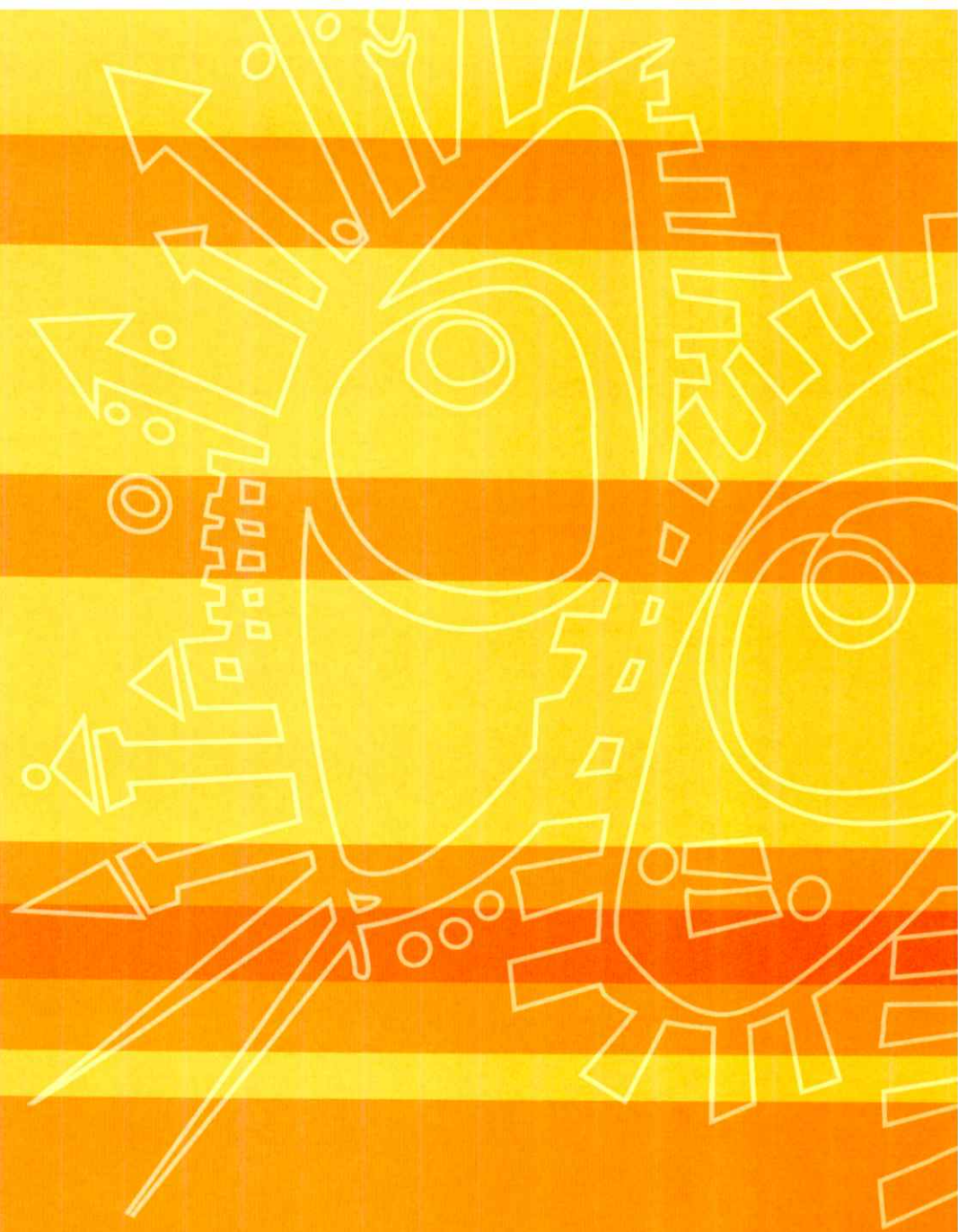


Celine Imbert 47
Claude Lévi-Strauss 49
Jean-Claude Bernardet 51
Jorge Ben Jor 53
Judith Malina 55
Kanuá Kamayurá 57
Lia Robatto 59
Luis Otávio Sousa Santos 61
Luiz Alberto de V. M. Bandeira 63
Luiz Mott 65
Selma do Côco 67
Sérgio Britto 69
Tônia Carrero 71
Tostão 73
Vânia Toledo 75

... CAVALEIRO



Associação Cultural Cachuera! 79
Banda Cabaçal 81
Cildo Meirelles 83
Clube do Choro de Brasília 85
Escola de Circo Picolino 87
Grupo Nós do Morro 89
Marcello Grassman 91
Museu Paraense Emílio Goeld 93
Programa Castelo Rá-Tim-Bum 95
Ronaldo Fraga 97





GRĂ - CRUZ



ABDIAS NASCIMENTO



Ativista político, professor emérito da Universidade do Estado de Nova York, dramaturgo, escritor, artista plástico, ex-deputado federal, senador e secretário de Estado do Governo do Rio de Janeiro. Criador do Teatro Experimental do Negro e do Museu de Arte Negra, pioneiro na formulação de políticas de igualdade racial e ação afirmativa. Este currículo se refere a uma grande figura da história brasileira, Abdias Nascimento, o criador fértil, o pensador certo, o político ativo.

Nascido em 1914, em Franca, SP, e neto de africanos escravizados, bem cedo Abdias teve consciência do mundo que teria que enfrentar. Seu primeiro grande ensinamento foi quando, ainda criança, viu sua mãe sair em defesa de um menino negro órfão que estava sendo espancado na rua por uma mulher branca. A partir daí, dedicou sua vida à luta contra o preconceito e o racismo.

Em São Paulo, na década de 1930, engajou-se na Frente Negra Brasileira e lutou contra a segregação racial em estabelecimentos comerciais da cidade. Em 1944, criou o Teatro Experimental do Negro, que além de abordar a estética e a identidade da cultura afro-brasileira, foi responsável por formar os primeiros atores negros do teatro no Brasil. Militante do antigo PTB, foi afastado do Brasil em 1968, indo viver nos Estados Unidos. De volta ao Brasil, liderou em 1981 a criação da Secretaria do Movimento Negro do PDT.

Primeiro deputado federal afro-brasileiro a dedicar seu mandato à luta contra o racismo (1983-87), Abdias apresentou projetos de lei definindo o racismo como crime. Atuou também como Senador da República, Secretário de Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileiras do Estado do Rio de Janeiro e Secretário de Direitos Humanos e Cidadania do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Em 2004, seu nome foi indicado como candidato ao Prêmio Nobel da Paz. Abdias é hoje o homem símbolo da luta pela igualdade racial no Brasil.





Grandes artistas como Nelson Cavaquinho e Paulinho da Viola afirmaram que ele é o maior sambista de todos os tempos. O poeta Carlos Drummond de Andrade dizia que o samba A Vida é um Moinho era o seu preferido. Estas são algumas das credenciais do compositor, cantor e poeta brasileiro Angenor de Oliveira, o Cartola, o poeta da elegância.

Autor de mais de 500 sambas, fundador da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira (que teve nome e cores escolhidos por ele), Cartola apaixonou-se pelo samba bem cedo, aos oito anos de idade, participando de desfiles de blocos de carnaval. A convivência com Carlos Cachaca e outros bambas do Morro da Mangueira selariam o destino do artista.

Apesar do enorme talento e das canções musicalmente elaboradas, com letras de forte carga poética, Cartola estudou somente até o primário. Trabalhou como pintor de paredes, lavador de

CARTOLA

in memoriam

carros, vigia de prédio, contínuo de repartição pública. Foi como pedreiro que ganhou o apelido de Cartola, por usar sempre um chapéu para impedir que os cabelos ficassem sujos de tinta.

Cartola nasceu no bairro do Catete, no dia 11 de outubro de 1908. Tinha onze anos quando se mudou para o Morro da Mangueira, que viria a ser marcante em sua vida. Depois de vender sambas para sobreviver na década de 20 e mudar-se para a Baixada Fluminense, Cartola ficou viúvo e doente - teve meningite. Trabalhava como lavador de carros em Ipanema, na década de 50, quando Sérgio

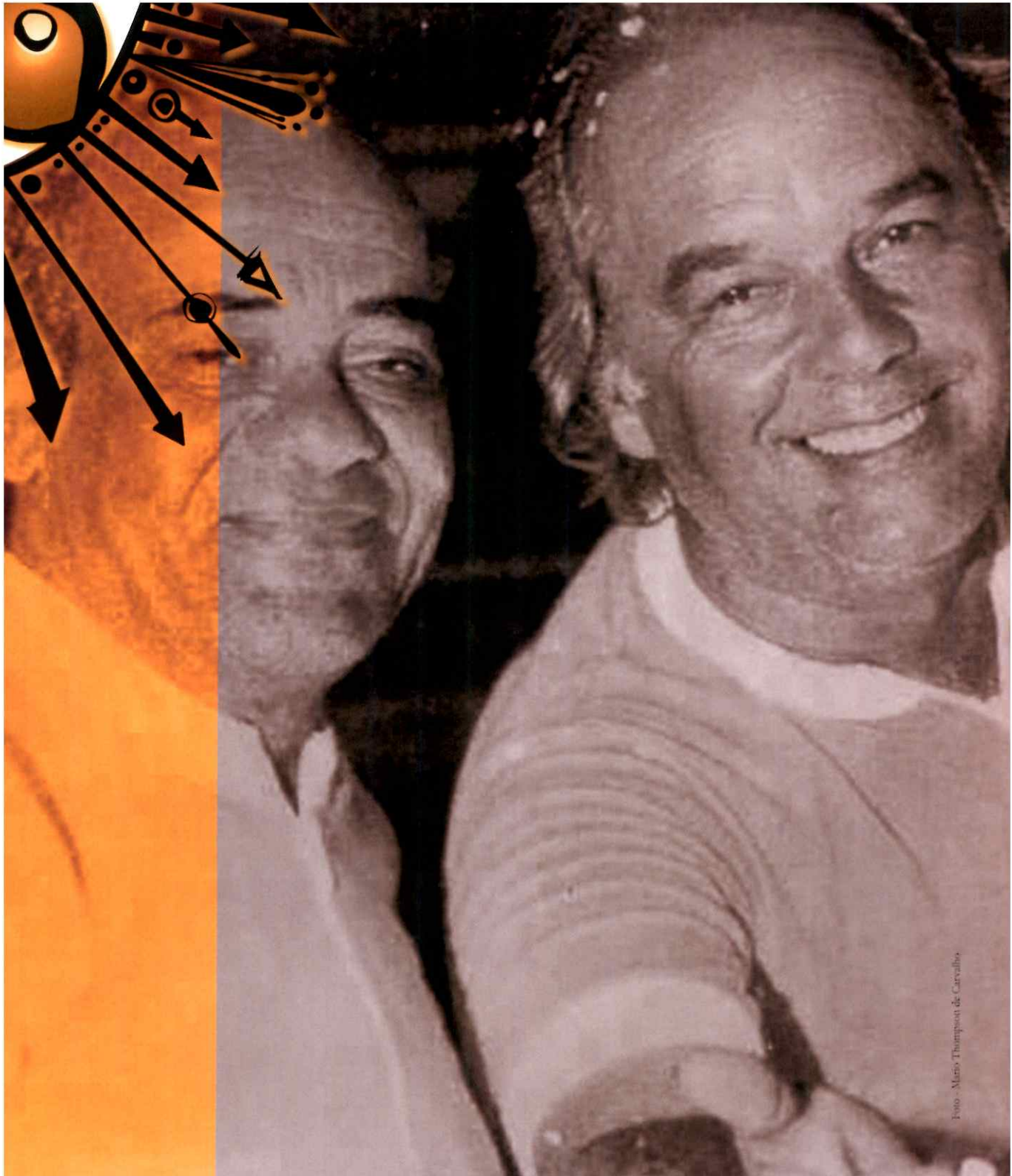
Porto o redescobriu e o relançou. A vida deu uma guinada. Cartola reencontrou Euzébia Silva do Nascimento, Dona Zica, irmã da mulher do compadre Carlos Cachça, que também tinha ficado viúva. Os dois, que tinham se conhecido ainda pequenos, passaram a viver juntos, casando-se 12 anos depois, em 1964. Ao lado de Dona Zica Cartola compôs *As Rosas não Falam*, *Nós Dois*, *Tive Sim* e *O Sol Nascerá* (parceria com Elton Medeiros). Também com Zica funda o bar Zicartola, que se transformou num pólo irradiador do samba e revelou vários talentos.

Em 1974, já aos 65 anos, Cartola grava o primeiro de quatro discos. Seis anos depois, em 30 de novembro de 1980, morre de câncer, no Rio de Janeiro, deixando para sempre sucessos como *O Mundo é um Moínho*, *Cordas de Aço*, *Preciso Me Encontrar* e *Acontece*.

Foto à esquerda - Acervo do Centro Cultural Cartola

Foto à direita - Mariza Lima - Acervo Centro Cultural Cartola





DODÔ E OSMAR

in memoriam

Se o carnaval da Bahia hoje atrai multidões de turistas brasileiros e estrangeiros deve muito ao trabalho dos soteropolitanos Adolfo Nascimento (nascido a 10/11/1920) e Osmar Alvares Macêdo (22/03/1923). Eles foram responsáveis por um dos capítulos mais férteis da história da música de raiz nordestina. Os populares Dodô e Osmar eletrificaram o frevo pernambucano, criando a guitarra baiana, e conceberam uma nova forma de levar a música para os foliões do carnaval de Salvador - e depois de todo o Brasil. São os inventores do trio elétrico.

Dodô era expert em eletrônica e trabalhava construindo instrumentos de som. Osmar tocava cavaquinho, bandolim e guitarra havaiana e gostava de adaptar arranjos de músicas clássicas e populares ao ritmo quente da folia. Os dois tocavam juntos num conjunto amador chamado Os Três e Meio.

Em 1950, a “dupla elétrica” resolveu subir a bordo de uma Ford de 1929 - com suas guitarras baianas e dois músicos na percussão - para agitar o carnaval. O carro foi seguido por uma multidão, até chegar à Praça Castro Alves. Estava começando uma nova fase para o carnaval no Brasil.

A partir do ano seguinte - com a participação de Temístoles Aragão tocando o terceiro “pau elétrico” -, o Trio Dodô & Osmar passou a executar seus frevos, chorinhos e até músicas clássicas em ritmo “carnavaletificado”. 25 anos depois, em 1975, viria o primeiro disco, já com a participação do filho de Osmar, Armandinho Macêdo.

Em 1978, o patriarca Dodô morre. A banda Armandinho, Dodô e Osmar, no entanto, permanece em atividade, realizando parcerias com grandes artistas baianos, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Moraes Moreira. Em 96, outros nomes como Carlinhos Brown, Alceu Valença, Daniela Mercury, Margareth Menezes participam de um CD em homenagem a Dodô. Um ano depois, Osmar adoece e vem a falecer, deixando a Bahia de luto. O trio elétrico segue comandado pelos filhos e neto do velho Osmar: o pai da música elétrica baiana.





Sebastião Bernardes de Souza Prata poderia ser como tantas outras crianças que vivem abandonadas pelas ruas das grandes cidades, não fosse uma escolha certa no momento certo. Coisas do destino. Sebastião nasceu em 18 de outubro de 1915, em Uberlândia, Minas Gerais, numa família marcada pela tragédia. O pai morreu esfaqueado; a mãe era alcoólica. Um dia, uma companhia de teatro mambembe visitou a cidade. O menino se encantou e foi atrás. Começava assim a carreira do ator, cantor e compositor que marcaria para sempre a história do teatro, do cinema e da televisão brasileiros.

GRANDE OTELO

in memoriam



Foi em 1932 que surgiu o pseudônimo de Grande Otelô. Sebastião entrou para a Companhia de Jardel Jércolis (pai do ator Jardel Filho). Os amigos começaram a chamá-lo, por razões óbvias, de Pequeno Otelô. Ele reagiu e se auto-intitulou The Great Othello, assim mesmo, em inglês. Pouco depois, traduziria o apelido para Grande Otelô.

Otelô passou pelos cassinos cariocas, pelo Teatro de Revista, mas foi no cinema que ele se tornou conhecido, principalmente devido às comédias populares, as famosas chanchadas dos anos 40/50, estreladas em parceria com o comico Oscarito. Otelô protagonizou comédias musicais clássicas, como Carnaval Atlântida, de 1953. O ator participou da criação da Atlântida Cinematográfica, que se especializou em filmes baratos e populares, e o primeiro filme da companhia,

Moleque Tião, era uma espécie de biografia ficcional de Otelô.

Também é inesquecível sua interpretação na versão cinematográfica de Macunaíma, realizada em 1969, por Joaquim Pedro de Andrade. Mas Grande Otelô não era só um ator talhado para a comédia. Seus personagens dramáticos também foram marcantes, como o que viveu em Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia. Sob a direção de Nelson Pereira dos Santos, protagoniza o filme Rio Zona Norte, um dos seus grandes papéis no cinema.

Com 1,50 de altura, olhos arregalados e lábios grandes e proeminentes, Grande Otelô fascinava a todos com seu talento. Orson Welles o considerava o maior ator brasileiro - Otelô fez uma participação especial no filme It's All True, de Welles. Compositor de sambas e marchinhas consagradas, Grande Otelô participou de 113 filmes, várias novelas e peças teatrais. Há quem aposte que nunca mais haverá um tipo tão popular e divertido quanto ele. Otelô faleceu em 1993 de um ataque do coração fulminante, quando viajava para Paris, para uma homenagem que receberia no Festival de Nantes.





“A beleza, o pecado, a revolta, o amor dão a arte desse rapaz um acento novo na arte brasileira. Não adiantam admoestações morais. Se querem antecedentes, talvez este seja um: Hélió é neto de anarquista.” Assim o crítico de arte Mário Pedrosa apresentava Hélió Oiticica em artigo do Correio da Manhã,

HELIO OITICICA

in memoriam

em 1966. E talvez não exista melhor tradução para a importância deste artista que foi um dos mais revolucionários de seu tempo.

Hélio Oiticica nasceu no Rio de Janeiro, em 26 de julho de 1939. Seu pai era contrário ao sistema educacional da época e, por isso, Hélio estudou com sua mãe até transferir-se para Washington, onde estudou até 1950. De volta ao Brasil, inciou-se na arte em curso com Ivan Serpa. Em 1955, o rapaz já integrava o Grupo Frente, marco do movimento construtivo no Brasil, e logo depois atuava como um dos fundadores do Grupo Neoconcreto, que lutava contra a atitude contemplativa do espectador diante da obra de arte.

O artista integrou a representação do Brasil na exposição internacional de arte concreta

realizada em 1960 em Zurique, na Suíça, e esteve presente nas coletivas de vanguarda Opinião 65 e Opinião 66, Nova Objetividade Brasileira e Vanguarda Brasileira, realizadas entre 1965 e 1967 no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, expondo ainda na Bienal de São Paulo (1957, 1959 e 1965) e na da Bahia (1966).

Desde seus primeiros trabalhos, Hélio Oiticica estava interessado em extrapolar o espaço bidimensional do quadro, invadir o ambiente, dessacralizar a obra de arte. Suas obras propunham experiências sensoriais e visavam o nascimento de uma nova percepção. O artista desejava democratizar as artes brasileiras, promovendo a união entre cultura popular e erudita. Assim surgiram seus núcleos e penetráveis, suas manifestações ambientais, com capas, estandartes, parangolés. Artista performático, pintor e escultor, Hélio Oiticica faleceu, precocemente, em 22 de março de 1980. Sua importância como artista seminal dos novos desdobramentos da arte ocidental tem merecido, nos últimos anos, destaque em exposições no Brasil e no exterior.





HERMILIO BORBA FILHO

in memoriam

Hermilo Borba Filho foi essencialmente um homem de teatro. Mais: um brasileiro, nordestino, interessado em colocar na cena o homem comum do nordeste, com suas misérias, sua fala, suas mazelas e encantos. Para Hermilo, falecido em 1976, o teatro podia ser, a um só tempo, uma experiência social, política e religiosa.

Romancista, dramaturgo, encenador, professor, crítico e ensaísta, fundador do Teatro Popular do Nordeste, Hermilo Borba de Carvalho Filho nasceu em Palmares, em 8 de julho de 1917, filho de um senhor de engenho que na década de 1930 caiu em decadência. Por isso, o menino ocupou vários empregos (inclusive de escrivão de polícia) e acabou mudando-se para o Recife, para estudar Direito. Foi na Faculdade de Direito que fundou, junto com o colega Ariano Suassuna, o Teatro do Estudante de

Pernambuco, apenas uma das várias companhias nas quais se empenhou.

Em 1950, Hermilo vai para São Paulo, onde trabalha como jornalista, diretor de teatro e faz parte da Comissão Estadual de Teatro. Em 1957, recebe o Prêmio Revelação de Diretor, da Associação Paulista de Críticos Teatrais. De volta a Recife, nos anos 60, funda o Teatro Popular do Nordeste, com o objetivo de abrir caminho para a profissionalização do teatro em sua região. Na capital pernambucana, dirige, entre outras, A Farsa da Boa Preguiça, A Pena e a Lei, Processo do Diabo, A Caseira e a Catarina, de Ariano Suassuna. Em seguida, Hermilo funda o Teatro de Arena do Recife e o Movimento de Cultura Popular (MCP) que pretendia, através da educação e da arte, “ampliar a politização das massas, despertando-as para a luta social”.

Um dos homens de teatro mais atuantes no Nordeste brasileiro, Hermilo Borba Filho foi um brilhante escritor, dono de um estilo claro, que mesclava a dimensão social com uma veia voluptuosa, apaixonada. Lançou 12 obras dedicadas ao teatro, dois ensaios, cinco livros sobre cultura popular, duas novelas e nove romances, com destaque para a tetralogia Um Cavaleiro da Segunda Decadência.



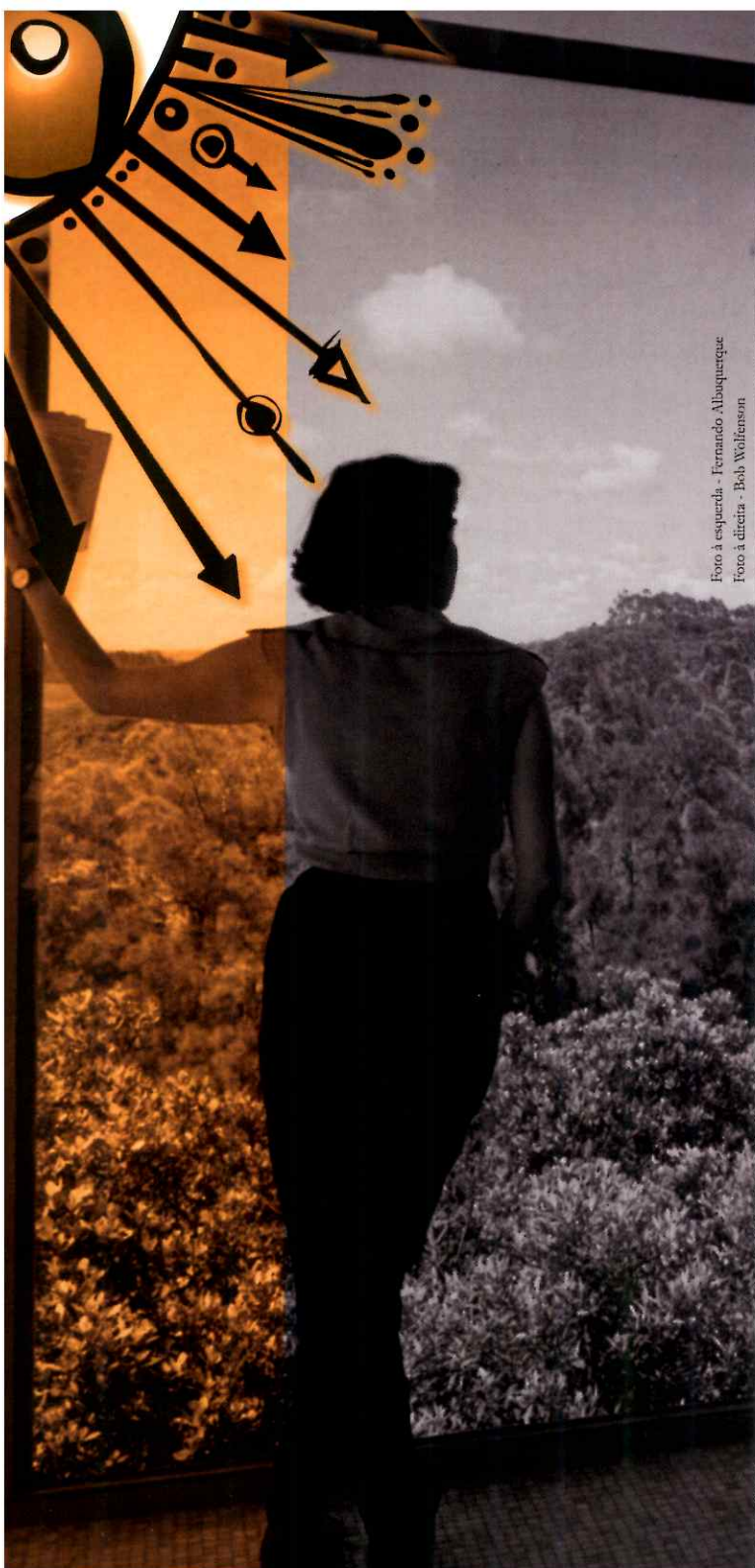


Foto à esquerda - Fernando Albuquerque
Foto à direita - Bob Wolfenson

Inquieta e contestadora, a italiana Achillina Bo Bardi, nascida em Roma, em 5 de dezembro de 1914, foi arquiteta, designer, cenógrafa, editora, ilustradora, diretora de museu. Lina Bo Bardi transferiu-se com o marido, o crítico e historiador de arte Pietro Maria Bardi, para o Brasil, que ela chamava de “minha pátria de escolha”, em 1946. Chegava ao País depois de ter enfrentado a Segunda Guerra Mundial, atuando politicamente, como parte da resistência à ocupação alemã durante a Segunda Guerra Mundial, e colaborando com o Partido Comunista Italiano - PCI, então clandestino.

Sob encomenda de Pietro Maria Bardi - convidado pelo jornalista Assis Chateaubriand a fundar e dirigir o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - Masp - Lina projeta as instalações do Museu. Ali cria a peça considerada “a primeira cadeira moderna do Brasil”, uma cadeira dobrável de madeira.

A inserção da arquiteta no universo profissional brasileiro fica

LINA BO BARDI

in memoriam

mais forte quando ela cria, em 1950, a revista Habitat, que duraria até 1954. No ano seguinte, projeta a sua própria residência no Morumbi, apelidada de “casa de vidro”, e considerada uma obra simbólica do racionalismo artístico no país. Influenciada pela experiência da simplificação, ela cria o projeto para a nova sede do Masp, na Avenida Paulista, que mantém uma praça aberta no piso térreo, suspendendo o edifício com um arrojado vão de 70 metros.

Vivendo em Salvador, em 1958, a convite do governador Juracy Magalhães, Lina dirige o Museu de Arte Moderna da Bahia - MAM/BA. Sua temporada baiana seria marcante em toda sua obra posterior e também deixaria fortes influências entre os artistas locais. Quando volta para São Paulo, depois do golpe militar de 1964, sua obra assume o que ela chamaria de “arquitetura pobre”. Exemplo desta última fase de sua car-



reira é o Teatro Oficina, uma construção que rompe todos os condicionamentos da relação palco-platéia.

Falecida em São Paulo, em 20 de março de 1992, Lina Bo Bardi foi definida pelo crítico italiano Bruno Zevi da seguinte forma: “Lina foi uma herética em vestes aristocráticas, uma esfarrapada elegante, uma subversiva circulando em ambientes luxuosos.”





Alguns criadores são tão identificados com sua arte que basta uma imagem simples para que venham à memória de qualquer pessoa. Com Luiz Gonzaga é assim. Basta surgir um chapéu de couro e uma sanfona e o mestre vem logo à cabeça de todo brasileiro. Não é para menos: Luiz Gonzaga foi um dos maiores responsáveis pela divulgação da música nordestina no resto do Brasil, um compositor de talento e uma figura carismática.

Luiz Gonzaga nasceu na Fazenda Caiçara, em Exu, Pernambuco, em 13 de dezembro de 1912, filho de um lavrador e sanfoneiro. Desde pequeno se interessou pela sanfona de oito baixos do pai, Januário. Era ao lado dele que o menino tocava zabumba e cantava em festas religiosas e forrós. O amor a Januário foi cantado pelo mestre até o fim da vida no baião “Respeita Januário”.

Luiz Gonzaga saiu de casa em 1930 para servir ao exército. Viajou pelo Brasil como corneteiro até 1939, quando de-

LUIZ GONZAGA

in memoriam



cidou se fixar no Rio de Janeiro, onde começou a se apresentar nas ruas e bares, tocando boleros, valsas, canções, tangos. Foi quando percebeu a grande massa de migrantes nordestinos e sua imensa saudade da terra natal. Passou a tocar xaxados, baiões, chamegos e cocos.

Ganhou nota máxima como calouro de Ary Barroso, interpretando o chamego “Vira e Mexe” e começou a gravar discos, sempre com repertório de músicas nordestinas. Mais tarde passou a cantar também. O personagem Gonzagão nasceria em 1943, quando se apresenta vestido de vaqueiro nordestino.

O grande sucesso vem em 1947, “Asa Branca”, parceria com Humberto Teixeira. O artista torna-se um sucesso avassalador e segue no auge até 1954. Com o surgimento da Bossa Nova, vê seu espaço diminuir até voltar à tona nos anos 70 e 80, depois que vários cantores populares regravam sua obra. Manteve-se ativo até sua morte, em 2 de agosto de 1989.

O “rei do baião”, como era carinhosamente chamado, legou ao Brasil grandes músicas como “Algodão”, “A Dança da Moda”, “ABC do Sertão”, “Imbalança”, “Cintura Fina” e “O Xote das Meninas”, feitas em parceria com Zé Dantas; e “Juazeiro”, “Paraíba”, “Baião de Dois”, “Assum Preto”, “Qui Nem Jiló”, parceria com Humberto Teixeira.





AXIOMA:
SEMPRE É MELHOR
SABER
QUE NÃO SABER.
SEMPRE É MELHOR
SOFRER
QUE NÃO SOFRER
SEMPRE É MELHOR
DESFAZER
QUE TECER

ORIDES FONTELLA

in memoriam



Poeta da concisão e da densidade, Orides de Lourdes Teixeira Fontela nasceu em São João da Boa Vista, interior de São Paulo, em 21 de abril de 1940. Apesar de ser filha de pais analfabetos, a menina começou a escrever poemas aos sete anos de idade. Seus primeiros trabalhos são publicados em 1956, no jornal O Município, de sua cidade natal. Aos 27 anos, deixou São João da Boa Vista para ir morar em São Paulo, com duas metas bem determinadas: queria entrar na USP e publicar um livro. Cumpriu os dois.

Orides Fontela tinha uma personalidade complexa e irritadiça que fez com que, em vida, seus atos ganhassem mais espaço na mídia do que sua poesia. Mas a poeta foi, acima de tudo vitoriosa. Kursou Filosofia na USP e publicou o primeiro livro, “Transposição”, com a ajuda do professor Davi Arrigucci Jr., seu conterrâneo.

Na capital paulista, trabalhou como professora do primário e como bibliotecária em escolas da rede estadual de ensino, sem nunca deixar de escrever. Publicou Helianto (1973), Alba (1983), que lhe valeu o prêmio Jabuti de Poesia, Rosácea (1986), Trevo 1969-1988 (1988), e Teia (1996), que recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, em 1996. No entanto, Orides Fontela conviveu sempre com as dificuldades financeiras.

Apesar de ser considerada um dos maiores nomes da poesia contemporânea brasileira, no final da vida, despejada de seu apartamento no centro da cidade, Orides foi viver com sua amiga Gerda na Casa do Estudante, um velho prédio na Avenida São João. Isolase cada vez mais dos amigos e morre, aos 58 anos, no dia 4 de novembro de 1998, de insuficiência cardiopulmonar, em Campos do Jordão, na Fundação Sanatório São Paulo.





“D e um traço nasce a arquitetura.

E quando ele é bonito e cria surpresa, ela pode atingir, sendo bem conduzida, o nível superior de uma obra de arte.” Estas palavras nasceram

de um criador que, desde criança, gostava de desenhar no ar traços que só os olhos do menino adivinhavam. Desenhos que contornavam as montanhas do Rio de Janeiro. Seus dedos continuaram inventando. Inventaram um Brasil, uma nova capital, o edifício-escultura, deram leve-

Foto - ASCOM/MINC - Natan Catalão



OSCAR NIEMEYER



za e curvas ao sisudo concreto. Hoje, prestes a completar 100 anos de idade, Oscar Niemeyer é um dos fundadores da moderna arquitetura internacional.

Oscar Ribeiro de Almeida de Niemeyer Soares nasceu no Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1907. Formou-se em Arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes. Pode-se dividir a vida/obra do arquiteto em quatro fases distintas. Num primeiro momento, há o Oscar recém-formado, que se dispõe a trabalhar de graça no escritório do urbanista Lúcio Costa. O jovem que encantou Le Corbusier (“Este moço tem as montanhas do Rio nos olhos”, disse o arquiteto francês) e que, em 1940, recebeu de Juscelino Kubitschek, na época prefeito de Belo Horizonte, o convite para criar o projeto da Pampulha, na cidade, com 33 anos de idade. Em 1945, já um arquiteto conhecido, filia-se ao PCB.

A segunda fase o flagra nova-

mente ao lado de Juscelino Kubitschek, eleito presidente do Brasil em 1956. JK convida o arquiteto para dirigir a Novacap, empresa urbanizadora da nova capital, Brasília. O ex-patrão e grande amigo Lucio Costa vence o concurso para o projeto urbanístico e Niemeyer fica encarregado de projetar os prédios da nova cidade. De seus traços surgem monumentos como o Palácio da Alvorada, o Congresso Nacional, a Catedral de Brasília, os prédios dos ministérios, o Palácio do Planalto, além de edifícios residenciais e comerciais.

A terceira parte da vida de Oscar Niemeyer é também a mais triste. É o período amargo da perseguição e do exílio durante a ditadura militar. Um tempo que foi usado criando obras no exterior, com seus prédios que apenas parecem tocar o chão: Editora Mondadori, na Itália, Universidade Constantine, na Argélia, Centro Cultural do Havre, na França, dentre outros.

E finalmente o momento que segue até os dias atuais, com o arquiteto em sua maturidade trabalhando sem parar. São deste período o Memorial da América Latina (SP), o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, e o mais recente, o Complexo Cultural da República, inaugurado em 2006.





O poeta negro. Assim Solano Trindade gostava de ser chamado. Pesquisador, teatrólogo, pintor, Francisco Solano Trindade é um nome referencial para o movimento de resistência negra. Grande incentivador da cultura popular, dizia que era preciso pesquisar nas

fontes para depois devolver ao povo em forma de arte.

Francisco Solano Trindade nasceu no Recife, em 24 de julho de 1908, filho de um pai sapateiro, que dançava Pastoril e Bumba-meu-boi e de mãe operária e quituteira, para quem o menino lia literatura de cordel, novelas e poesia romântica. O contato com as festas e com a literatura cunhou seu gosto pela cultura popular brasileira.



Foto - Raquel Trindade

SOLANO TRINDADE

in memoriam

Sua militância política começa em 1930, quando compõe seus primeiros poemas afro-brasileiros. Em 1934, participa do I e II Congresso Afro-Brasileiro, no Recife e Salvador. Dois anos depois, funda a Frente Negra Pernambucana e o Centro de Cultura Afro-brasileiro. Também em 1936, publica seus Poemas Negros.

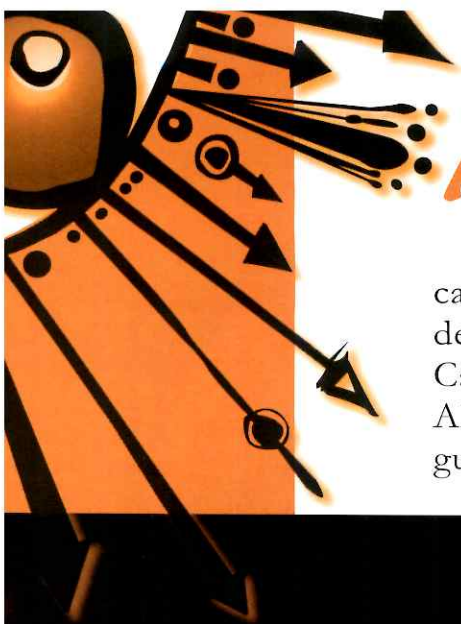
Inquieto, viaja para o Rio Grande do Sul, fixando-se por em Pelotas, onde funda um grupo de arte popular. Segue depois para o Rio de Janeiro e toma contato com intelectuais, políticos, jornalistas e artistas. Filia-se ao Partido Comunista. É no Rio, em 1944 que publica Poemas de uma Vida Simples, que inclui o famoso Trem Sujo de Leopoldina. Em 1945, cria, com Abdias Nascimento, o Comitê Democrático Afro-Brasileiro e, com Haroldo Costa, o Teatro Folclórico.

Em 1950, funda o TPB - Teatro Popular Brasileiro, com o qual



viaja pela Europa e por várias cidades brasileiras. Em 1954, vai a São Paulo, apresentar-se na cidade de Embu e se apaixona pelo local. Muda-se para lá, onde cria um verdadeiro pólo de cultura e tradições afro-americanas. Com o TPB, segue desenvolvendo uma intensa atividade voltada para o resgate das raízes culturais e para a denúncia do racismo. Também em sua poesia expressa inconformismo. Seus versos são carregados de sentimento e denúncia. Em 1958, edita Seis tempos de poesia e, em 1961, Cantares ao meu povo (com uma reunião de poemas anteriores). Solano Trindade faleceu no Rio de Janeiro, em 19 de fevereiro de 1974.





“Ele era um gênio.” Assim o cantor Frank Sinatra descreveu Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, segundo o músico João

Donato, “o rei da melodia”. Um dos artistas mais completos e influentes do século XX, Tom Jobim foi compositor, instrumentista, regente, arranjador. Uma unanimidade quando o assunto é sofisticação musical.



Foto - Ana Lantini Jobim

TOM JOBIM

in memoriam



Tom Jobim nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de janeiro de 1927. Aos 14 anos, estudou com HansJoachimKoellreuter. Em 1949, entrou na gravadora Continental, para transcrever partituras. Três anos depois, já fazia arranjos. É desta época sua estréia como compositor, com o samba Faz uma semana. A primeira música gravada seria Incerteza, mas o estrondoso sucesso viria com Teresa da praia, de 1954. Em 1956, Vinícius de Moraes o convidou para musicar a peça Orfeu da Conceição, cuja trilha, que incluía o sucesso Se todos fossem iguais a você, foi lançada em disco. Em parceria com Vinícius compõe Felicidade, usada na trilha do filme Orfeu no Carnaval, premiado em Cannes.

Em 1958, Elisete Cardoso gravou várias músicas suas em parceria com Vinícius para o disco Canção do amor demais, considerado um mar-

co na música brasileira, ponto de partida para a bossa nova. Mais tarde, com Samba de uma nota só, Tom Jobim conquistaria o mercado internacional. Em 1963, com Vinicius, cria um dos maiores sucessos da música brasileira, talvez a mais executada no exterior: Garota de Ipanema.

Tom produziu diversos clássicos: Samba do Avião, Só Danço Samba e Ela é Carioca (com Vinicius), O Morro Não Tem Vez, Vivo Sonhando. Nos Estados Unidos gravou discos, participou de shows e fundou sua própria editora, a Corcovado Music. Lançou com um dos grandes mitos americanos o disco Francis Albert Sinatra e Antônio Carlos Jobim.

Tom visitou os compositores eruditos, em especial Villa-Lobos e Debussy, e iniciou experiências de rara inspiração, fundindo elementos de outros estilos musicais com a cultura brasileira. Surgiram Águas de Março, Ana Luíza, Lígia, Correnteza. Ao longo da vida, gravou mais de 50 discos, como intérprete ou arranjador. Todos têm seu toque de inovação. Seu último CD, Antônio Brasileiro, foi lançado em 1994, pouco antes da sua morte, em dezembro, nos EUA.





Foto: Acervo pessoal

Influência fundamental do Tropicalismo, guru de toda uma geração de artistas, Walter Smetak foi, acima de tudo, um criador que desconhecia limites em suas pesquisas. Violoncelista, compositor, escritor, Smetak formou uma legião de músicos, admirados com suas experiências sonoras e seus instrumentos inusitados.

Nascido em 12 de fevereiro de 1913, o suíço Anton Walter Smetak era filho de um casal de tchecos que viviam em Zurique. Seu pai era um exímio tocador de cítara e foi seu primeiro professor. Embora quisesse ser pianista, um acidente que prejudicou sua coordenação motora levou o rapaz a estudar violoncelo. E foi como instrumentista que ele veio parar no Brasil. Depois de formado pelo Mozarteum de Salzburg, foi contratado, em 1937, por uma orquestra de Porto Alegre. Viaja para o Brasil, a contragosto, e descobre, ao chegar, que a orquestra já não existia mais. Sem dinheiro, passa a tocar em festas, cassinos e orquestras de rádio.

WALTER SMETAK

in memoriam

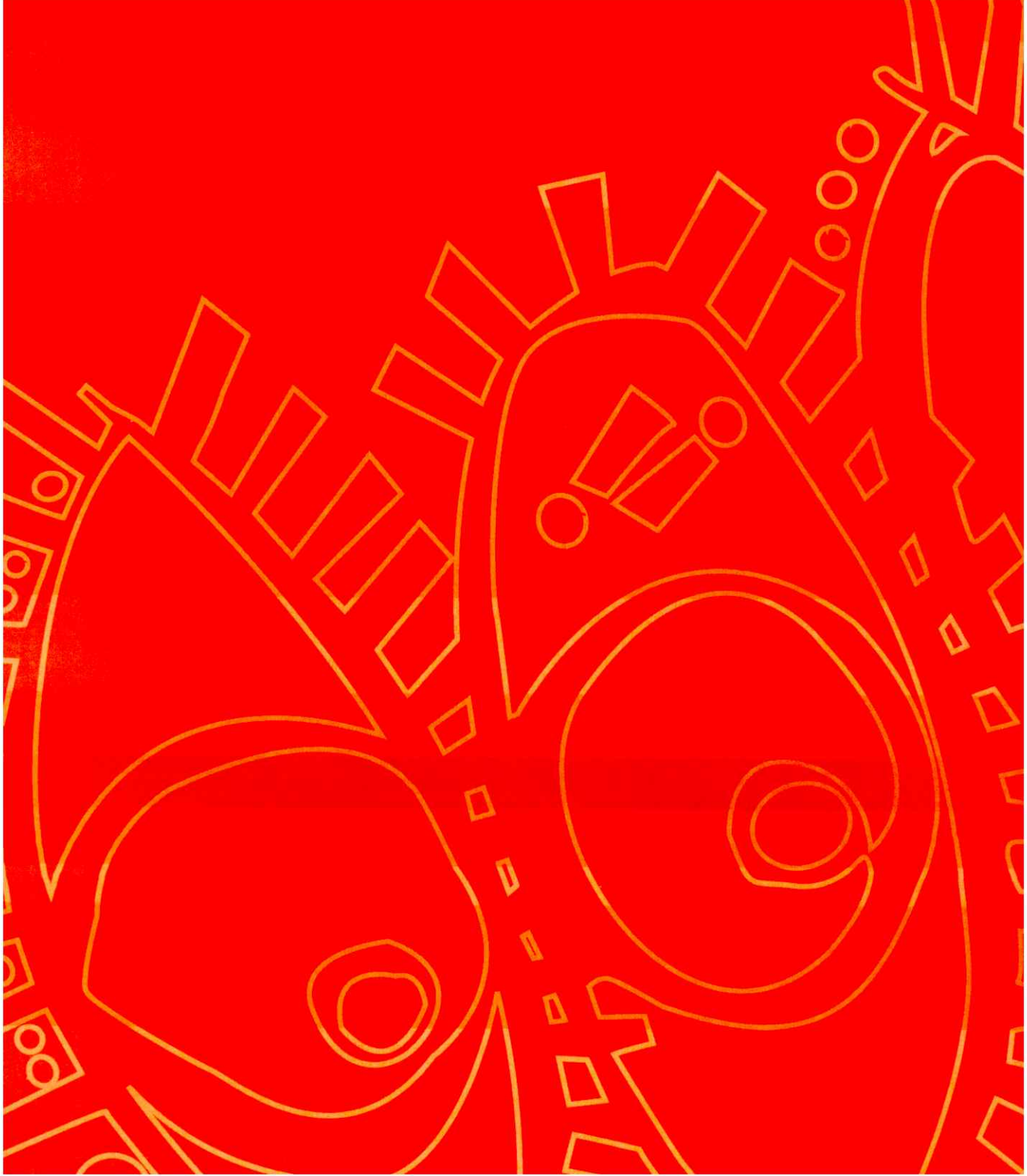
Em 1957, Smetak muda-se para Salvador, a convite de Hans Joachim Koellreuter, e torna-se professor e pesquisador da UFBA. Ali, cria uma oficina onde irá conceber seus instrumentos musicais a partir de materiais inusitados, como tubos de PVC, cabaças, isopor, dentre vários outros. Alguns destes instrumentos não têm utilidade puramente musical. São esculturas influenciadas por sua forma mística de encarar a música. Na Universidade, será responsável pela criação de cerca de 150 instrumentos que ele batizou de “plásticas sonoras”.

Seu trabalho chama a atenção de jovens músicos e sua oficina passa a ser freqüentada por artistas como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Rogério Duarte e Marco Antônio Guimarães, seu mais fiel seguidor, que criou em Minas Gerais uma espécie de continuação do trabalho do mestre, com o grupo Uakti.




Walter Smetak foi também escultor, tendo participado, em 1967, da I Bienal de Artes Plásticas de Salvador. Escreveu mais de 30 livros e três peças teatrais. Nos últimos anos de vida parou de escrever suas partituras, dando preferência ao improvisado com seus instrumentos. Várias destas sessões experimentais foram gravadas. Deixou dois LPs, Smetak (1975) e Interregno (1980). Faleceu em 30 de maio de 1984, em Salvador.









Diz-se que uma obra de Álvaro Siza Vieira é reconhecível logo no primeiro momento. O maior arquiteto português da atualidade tem desenvolvido uma das mais coerentes e brilhantes carreiras da arquitetura mundial contemporânea.

Álvaro Siza Vieira nasceu em Matosinhos, em 25 de Junho de 1933 e desde muito pequeno começou a desenhar - ainda

ÁLVARO SIZA VIEIRA



hoje desenha muito. Antes de optar pela arquitetura, queria ser pintor ou escultor. Formou-se na Escola Superior de Belas Artes do Porto, que frequentou de 1949 a 1955. Ainda bem jovem encontrou o caminho na arquitetura que vem traçando até os dias atuais, marcado pelo desenho limpo, os planos horizontais, a clareza das formas, o requinte do espaço.

Siza Vieira realizou obras emblemáticas como o Pavilhão de Portugal da Expo'98, a Igreja de Santa Maria, em Marco de Canaveses ou o Museu de Arte Contemporânea da Galícia. Sua obra, entretanto, pode ser encontrada em vários pontos

do mundo além de Portugal, como Itália, Alemanha e Brasil. Ele foi o vencedor do concurso que elegeu o projeto para a sede da Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre. Pelo projeto foi condecorado com o Leão de Ouro na Bienal de Arquitetura de Veneza.

Seus principais projetos incluem intervenções urbanas em cidades tão distintas como Berlim, Maastricht, Macau e Lisboa. Suas obras já foram expostas em todos os cantos do mundo, desde o Museu de Arquitetura de Helsinki e o Museu Alvar Aalto, na Finlândia, em 1982, até ao Centro Georges Pompidou, em Paris, em 1982; e passando na Yokohama Portside Gallery, em Yokohama, em 2002. O currículo de Siza Vieira - com uma interessantíssima incursão no “design” nos últimos anos - mostra que a arquitetura e o “design” podem (e devem) andar de braço dado. Siza coleciona prêmios internacionais, como o Prêmio Europeu de Arquitetura da Comissão das Comunidades Européias, o Prêmio Pritzker da Fundação Hyatt, de Chicago, o Premium Imperiale da Japan Art Association, o Prêmio de Arquitetura da Wolf Foundation, de Israel, e a Medalha Internacional das Artes 2002, atribuída em Madrid.



Respeitada, admirada, temida, Bárbara Heliodora é crítica, ensaísta, professora e tradutora. Maior autoridade na obra de William Shakespeare no Brasil, acompanha a atividade

teatral desde a década de 60. Diz-se que ela é capaz de enterrar ou alavancar a carreira de um espetáculo teatral. Já foi alvo da fúria de diretores informados com sua opinião expressada sem medo. Ao mesmo tempo, tem conquistado espíritos e mentes com seu tra-



BÁRBARA HELIODORA

balho franco, hábil, inteligente. Figura única da intelectualidade brasileira, Bárbara Heliodora é uma apaixonada pela arte teatral.

Heliodora Carneiro de Mendonça nasceu no Rio de Janeiro, em 29 de agosto de 1923, e iniciou sua carreira como crítica teatral, em 1958, na Tribuna da Imprensa. Depois, entre 1958 e 1964, assinou uma coluna especializada do Jornal do Brasil, marcando-se pela seriedade, rigor e erudição dos seus artigos. De 1964 a 1967, deixa a crítica teatral para dedicar-se à direção do Serviço Nacional de Teatro, o SNT. Em seguida, assume o cargo de professora de história do teatro no Conservatório Nacional de Teatro e, posteriormente, professora titular da mesma disciplina no Centro de Letras e Artes da Uni-Rio, do qual foi decana até a sua aposentadoria, em 1985.

Bárbara é incansável. Sua paixão pela arte teatral a conduz a

assistir a diversos espetáculos semanalmente. A atividade exercida desde cedo a leva a publicar, em 1972, o livro *Algumas Reflexões sobre o Teatro Brasileiro*. Em 1975, Bárbara Heliodora defende tese de doutorado na Universidade de São Paulo, *A Expressão Dramática do Homem Político em Shakespeare*, transformada em livro. Sobre o bardo publica também *Falando de Shakespeare*. Em 2000, lança Martins Pena: uma introdução.

Como tradutora dedicou-se a várias peças de Shakespeare: *A Comédia dos Erros*, *Sonho de uma Noite de Verão*, *O Mercador de Veneza*, *Noite de Reis*, *Romeu e Julieta*, *César e Cleópatra* e *Rei Lear*. De Anton Tchekov, traduziu *O Cerejal* e *A Gaivota*. De Agatha Christie, *Testemunha de Acusação* e outras peças. Além destes, dedicou-se à tradução de livros de teoria teatral, como *O Teatro do Absurdo*, *A Anatomia do Drama* e *Brecht: dos males o menor*, de Martin Esslin; *Método ou Loucura*, de Robert Lewis; e *Shakespeare*, de Germaine Greer. Desde 1986, exerce a atividade de crítica teatral, primeiro na revista *Visão*, depois em *O Globo*. Na década de 90, voltou a lecionar no curso de mestrado em teatro da Uni-Rio.



Me s m o
passados
mais de
20 anos, o Brasil não
consegue esquecer a
primeira imagem em
rede nacional feita do
Cacique Raoni. Armado
e pintado para a guerra,
com seu bodoque de 8
cm no lábio inferior, o
líder indígena sentava-se

à mesa com o então Ministro do Interior, Mário Andreazza, para negociar a demarcação de sua terra. Sêrio, austero, contundente, Raoni sabe que fala em nome de pessoas que correm o risco de desaparecer. E, na época, avisa o ministro: “Aceito ser seu amigo, mas você tem de ouvir índio”. A impressão de coragem e determinação passou a acompanhar aquele cacique que tem dedi-



CACIQUE RAONI



cado sua vida a lutar pela causa indígena no Brasil.

Raoni, segundo alguns, significa Sexo de onça. Para outros, quer dizer raiz, que unida a qualquer outra folha cura qualquer malefício, qualquer enfermidade, qualquer doença. Raiz da cura.



Foto: Acervo pessoal

Elixir da vida. Talvez a segunda definição esteja mais próxima do que representa Raoni para seu povo.

Raoni Metuktire é o líder dos caiapós, que se tornou conhecido no mundo pela defesa do povo indígena e da floresta Amazônica. Nasceu em Mato Grosso, Raoni é filho do cacique Umoro, do ramo dos caiapós conhecido como Metyktire. Seu grupo foi descoberto pelo sertanista Orlando Villas Bôas, em 1954. Villas Bôas conhece então o jovem Raoni, já um legítimo representante da tribo guerreira dos caiapós - segundo Villas Boas, a palavra caiapó significa gente ruim da mata.

Ao longo de sua atuação, Raoni tem conseguido chamar a atenção para os problemas que afligem seu povo. A partir de 1989, sua atuação se torna internacional, quando, acompanhado do cantor inglês Sting, parte numa viagem à Europa, em campanha contra a invasão das áreas indígenas. O cacique voltaria à Europa, em maio de 2000, em busca de suporte financeiro para desenvolver um núcleo de alta tecnologia no Parque Nacional do Xingu. Sua luta incansável o levou a ser tema de um documentário coproduzido pela França e Bélgica.



Uma das mais importantes personalidades da história musical recente do país, Céline Imbert é uma

artista especial. O colorido de sua voz, o impacto e o modo como ela se coloca disponível para cada personagem faz da cantora uma referência. Talvez a densidade que imprima a cada



Foto - Arquivo pessoal

CELINE IMBERT



personagem se deva ao profundo conhecimento do espírito humano: antes de dedicar-se à música, Céline Imbert atuou como psicóloga em Lorena, no Vale do Paraíba, e viveu em Moçambique, na África, durante três anos, como “Cooperante da Revolução Moçambicana”.

Apontada pela crítica especializada como uma das maiores sopranos brasileiras de todos os tempos, a cantora já recebeu os prêmios Carlos Gomes, APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Eldorado.


Céline Imbert de Figueiredo nasceu em São Paulo e começou o caminho musical pelo piano: aos seis anos já recebia aulas particulares em casa e dedicava ao instrumento três horas diárias de estudo. A família gostava de música. Seu pai ouvia de tudo, do rock à música erudita e a mãe cantava enquanto tocava piano. Aos 18 anos de idade, já cursando Psicologia, aban-

donou a música, que ela considerava ainda como um “hobby”. Foi morar em Vitória, no Espírito Santo, num pensionato de freiras e os momentos de lazer eram ocupados cantando com as colegas. Música popular brasileira, é claro. Nesta época, aprendeu a tocar violão “de ouvido”.

Céline também integrou diversos corais em sua juventude, experiência que ela confessa ter sido fundamental em sua formação. E foi exatamente num deles, o “Coral Luther King”, que ela decidiu: queria e podia ser solista. Depois de uma rápida passagem por bandas e casas noturnas de São Paulo, como cantora popular, Céline procurou a mestra Leilah Farah. Pouco depois, já protagonizava a ópera Carmen, de Georges Bizet, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Era o ano de 1987.

De lá para cá, o mundo já conhece: grandes performances nos principais palcos brasileiros e no exterior, na pele da cigana Carmen, como protagonista de Fosca, de Carlos Gomes, ou como a Aida, de Verdi, dentre várias outras, que têm marcado a história musical brasileira.





Um homem cuja obra deu novo sentido às noções de “raça”, “cultura” e “progresso”. Um olhar sem preconceitos que revolucionou a etnologia contemporânea, associando análise estrutural e psicanálise. Este é

CLAUDE LÉVI-STRAUSS

o antropólogo, professor e filósofo belga Claude Lévi-Strauss, considerado o fundador da Antropologia Estruturalista.

A partir de Lévi-Strauss, todo estudo antropológico teve de incorporar novas possibilidades de abordagem. Classificações como “primitivo” perderam seu sentido original. Lévi-Strauss provou que o conceito de “primitivo” era usado numa comparação com a cultura ocidental e muitos grupos sociais demonstravam tanta complexidade que a nossa é que se provava uma sociedade rudimentar. O homem e sua imensa complexidade. Este é o objetivo final do estudo e das reflexões filosóficas de Claude Lévi-Strauss.

Lévi-Strauss nasceu em Bruxelas, em 28 de novembro de 1908, numa abastada família judia francesa, formada por artistas. Estudou Filosofia na Sorbonne, em Paris. Pouco depois de for-

mado, veio para o Brasil, lecionar sociologia na recém-fundada Universidade de São Paulo. Permaneceu no país entre 1935 e 1939 e fez várias expedições ao Brasil central. O registro dessas viagens gerou a obra-prima *Tristes Trópicos* (1955), que lhe rendeu fama internacional. Na obra, ele narra o nascimento de sua vocação de antropólogo, durante as primeiras expedições que fez a tribos indígenas. Aparentemente um livro de viagens, está repleto de especulações filosóficas sobre a antropologia, com análises comparativas entre religiões, as noções de velho e novo mundo e os conceitos de progresso e civilização.

Lévi-Strauss exilou-se nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, dando aulas até 1950, quando retornou à França para continuar na carreira acadêmica. Em 1959, assumiu o departamento de Antropologia Social no College de France, onde ficou até se aposentar, em 1982. Membro da Academia de Ciências Francesa, é doutor honoris causa das universidades de Bruxelas, Oxford, Chicago, Stirling, Upsala, Montréal, México, Québec, Zaire, Visva Bharati, Yale, Harvard, Johns Hopkins e Columbia, entre outras. Aos 97 anos, em 2005, recebeu o 17o Prêmio Internacional Catalunha, na Espanha.

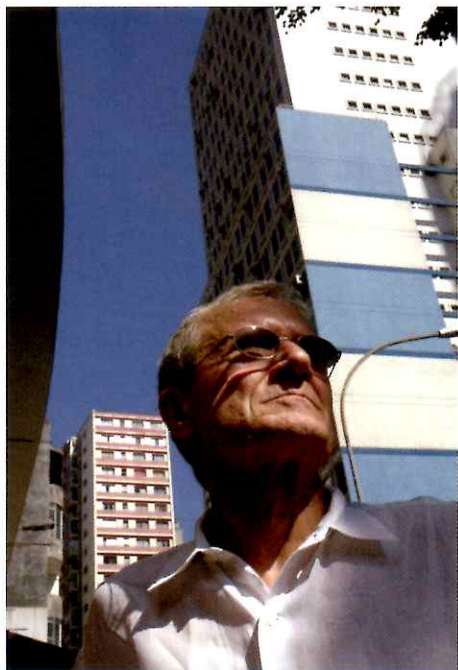


Professor, pesquisador, escritor, roteirista e ator. Um intelectual profundamente ligado ao cinema brasileiro. Assim é este belga, nascido de família francesa, criado em Paris e que há quase 50 anos dedica sua vida a estudar e fazer cinema no Brasil.

Jean-Claude Bernardet nasceu na cidade de Charleroi, a 2 de agosto de 1936 e mudou-se com a família para São Paulo em 1948. No final da década de 50, frequenta a Cinemateca Brasileira, onde conhece o mestre Paulo Emílio Sales Gomes. A convite deste, começa a escrever no suplemento literário do jornal O Estado de São Paulo. Seus artigos são publicados em to-



JEAN-CLAUDE BERNARDET



dos os principais veículos nacionais.

Depois de se naturalizar brasileiro, em 1964, funda, com Paulo Emílio, o pioneiro curso de cinema da Universidade de Brasília, onde fica até 1968, quando então se transfere para a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, permanecendo até se aposentar, em 2004. Torna-se

um dos principais nomes do ensino do cinema no País.

Jean-Claude Bernardet atuou como grande interlocutor do Cinema Novo. É dele um título obrigatório para quem deseja refletir sobre a produção cinemanovista, Brasil em Tempo de Cinema. Além destes, assinou mais de uma dezena de livros teóricos, como Bibliografia brasileira do cinema brasileiro e O Vôo dos Anjos: Estudo sobre o Processo de Criação na Obra de Bressane e Sganzerla. Mas o escritor lançou também livros memorialísticos - Aquele Rapaz e A Doença, uma Experiência - e ficcionais - Os Históricos e Céus Derretidos.

Bernardet tem participado ativamente da produção cinematográfica, como roteirista e assistente de direção. São dele os roteiros de O caso dos Irmãos Naves, de Luis Sergio Person, Brasília: contradições de uma cidade nova, de Joaquim Pedro de Andrade e, mais recentemente, Um Céu de Estrelas e Através da Janela, ambos de Tata Amaral. Eventualmente foi como ator em pequenos papéis. Nos anos 1990, dirigiu dois ensaios poéticos de média-metragem: São Paulo, Sinfonia e Cacofonia e Sobre Anos 60.





Foto - Arquivo pessoal

JORGE BEN JOR



Bem antes de fusão virar palavra de ordem na música brasileira, Jorge Ben Jor já tinha as antenas ligadas no mundo e misturava samba com funk e soul, maracatu com rock'n'roll, promovendo o suingue que é uma de suas marcas registradas. Os refrões de Ben Jor se fixam na memória e são facilmente cantorolados por qualquer brasileiro, não importa a idade. Alquimista da música, o guerreiro Jorge é, hoje, uma unanimidade nacional.

Compositor, cantor, instrumentista, Jorge Duílio Lima Meneses nasceu no Rio de Janeiro, em 22 de março de 1942, filho de um estivador e pandeirista e de uma etíope. Aos 13 anos, já tocava pandeiro. Aos 15, cantava no coro da igreja. Aos 18, aprendia sozinho a tocar violão e animava as festas dos amigos. Foi assim que ele foi “descoberto” por Manuel Gusmão, que o convidou para ensaiar com o grupo Copa Trio, transformado em Copa Cinco, especializado em jazz. E foi com ele que Ben Jor

gravou as primeiras músicas de sua autoria, Mas Que Nada e Chove Chuva. O sucesso foi tão grande que Ben Jor é convidado pelo Ministério das Relações Exteriores a se apresentar em universidades e clubes norte-americanos.

De volta ao Brasil, o rapaz não mais se adaptou. Queria injetar outros elementos no samba tradicional, eletrificar o suingue nacional. Não foi bem recebido. A carreira só voltou a se levantar depois de uma apresentação no programa Divino Maravilhoso, que Caetano Veloso e Gilberto Gil tinham na TV Tupi. Vieram êxitos como Cadê Teresa, Que pena, Que Maravilha (com Toquinho), Domingas, País Tropical, Charles Anjo 45, Fio Maravilha e Os alquimistas estão chegando.

Em 1989, por problemas de direitos autorais, alterou seu sobrenome. No ano seguinte, chegou com o inesquecível W Brasil. Seguiram-se outros como Alcool, Gostosa e Rabo preso. Suas músicas já foram gravadas por artistas tão diversos quanto Ella Fitzgerald, Dizzie Gillespie, Julio Iglesias e Al Jarreau. Suas letras sempre bem-humoradas, sua mistura de samba-rock são sucesso também entre os brasileiros como Elza Soares, Gal Costa, Marisa Monte, Ivete Sangalo, Os Paralamas, Lulu Santos, Sandra de Sá, Fernanda Abreu, Sepultura e muitos outros.





Atriz, autora e diretora,
nascida em 4 de junho
de 1926, Judith Malina
é co-fundadora de um grupo
que marcou a história do teatro
do século XX com uma forte

JUDITH MALINA



atuação política. Mesmo depois de 60 anos de atividade, The Living Theatre, criado em 1947, continua lutando pela revolução individual, se opondo a preconceitos e qualquer tipo de violência e fazendo coro contra a globalização. Usando a arte para mudar o mundo.

Judith Malina nasceu em Kiel, na Alemanha, filha de um rabino. Em 1928, mudou-se com seu pai para Nova York, onde viveu toda a vida, com breves interrupções. Interessada pela arte teatral desde pequena, começou a estudar teatro, em 1945, com o mestre Erwin Piscator, que foi, junto com Brecht, um dos expoentes do teatro épico, que considerava que o teatro devia ser comprometido com a comunicação política.

Malina conheceu seu grande colaborador e marido, Julian Beck, quando tinha 17 anos. Beck, originalmente um pintor, dividiu com ela seu interesse

pelo teatro político e juntos fundaram o The Living, que dirigiram até a morte de Beck, por câncer, em 1985. Quando a companhia entrou em conflito com o fisco norte-americano, o teatro foi interditado pelo governo e Malina e Beck foram condenados. Receberam uma suspensão de cinco anos e decidiram deixar os EUA. Foi nesta época que o Living Theatre se tornou mundialmente conhecido, pois a companhia passou os cinco anos seguintes fazendo turnês pela Europa e criando trabalhos cada vez mais radicais. O Living Theatre se caracterizou pela interação com a platéia, levando os espectadores a se confrontarem com seus próprios conceitos e preconceitos.

Em 1971, a companhia veio para o Brasil, a convite de José Celso Martinez Correa. A passagem pelo país incluiu uma temporada de dois meses na prisão. Na volta para Nova York, recriaram o The Living Theatre. Depois da morte de Beck, um dos integrantes do grupo, Hanon Reznikov, assumiu a liderança da companhia e tornou-se companheiro de Malina. A atriz desenvolveu também carreira no cinema. Ela participa de Ricardo III - um ensaio, A Família Addams, Tarde de Dia de Cão e Os Sopranos, entre outros.





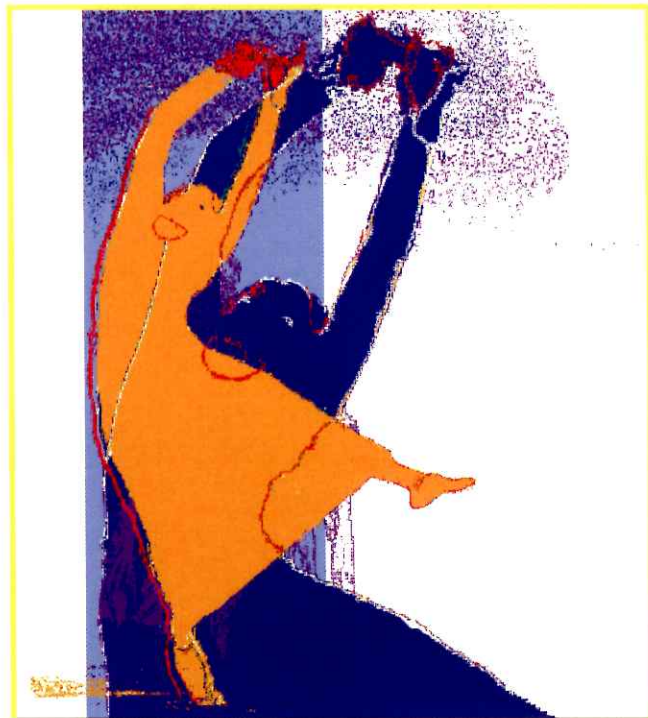
A paulistana Lia Robatto, nascida em 1940, por um desses caprichos do destino, tornou-se um dos mais destacados nomes da dança contemporânea da Bahia. É na capital baiana que Lia tem desenvolvido, ao longo de seus 50 anos de carreira, uma intensa atividade, que inclui a montagem e coreografia de espetáculos, aulas de dança, publicação de livros e o trabalho no Projeto Axé, à frente de oficinas pedagógicas que propiciam o desenvolvimento social através da arte.

A formação de Lia Robatto começou ainda na cidade de São Paulo, tendo aulas com as pioneiras da dança contemporânea no Brasil, a polonesa Yanka Rudzka e a húngara Maria Duschennes, além de cursos informais na Escola Municipal de Balé de São Paulo e no Museu de Arte de São Paulo, entre outros. Foi Yanka Rudzka que propiciou o primeiro contato de Lia com a Bahia, ao convidá-la para assumir a função de primeira bailarina do recém criado Conjunto de Dan-

LIA ROBATTO

ça Contemporânea da Escola de Dança da UFBA - Universidade Federal da Bahia e ainda atuar como assistente naquela que foi a primeira Escola Universitária de Dança do Brasil e a segunda da América Latina.

Lia Robatto atuou como bailarina profissional dos 16 aos 36 anos de idade, participando de diversos espetáculos em São Paulo e Salvador. Dedicou-se também à atividade acadêmica, de 1957 a 1981, na UFBA e também na UNICAMP, São Paulo. Aposentou-se em 1981, para poder dedicar mais tempo à carreira artística. Fundou, dirigiu e coreografou para o Grupo Experimental de Dança, Grupo de Dança e Comunicação, o Grupo Experimental de Dança da UFBA, Grupo Viravolta, 1982 e Gicá, Cia. Jovem de Dança do Projeto Axé. Foi Diretora Artística e Coreógrafa do Balé Teatro Castro Alves. Coreografou também para vários outros grupos particulares e companhias estáveis de dança.



Coreografia "O Barroco"

Ao todo, Lia Robatto assinou a coreografia de 40 espetáculos completos de dança contemporânea, merecendo prêmios importantes (como APCA) e inúmeras críticas especializadas publicadas na imprensa nacional. Fundou as Escolas de Iniciação Artística (1965), de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia (1984) e a Usina de Dança do Projeto Axé (1998).



O nome de Luis Otávio Sousa Santos está intimamente relacionado à música barroca. O brasileiro é um dos grandes violinistas hoje no mundo, atuando como integrante da orquestra barroca La Petite Bande e também como solista e spalla de

outros grupos europeus. Detentor do prestigiado prêmio “Diapason D’Or”, a maior distinção concedida a um CD na França, por “Jean-Marie Léclair - Sonates”, gravado para o selo alemão Rameé, Luis Otávio divide seu tempo entre a Europa e o Brasil.

Natural de Juiz de Fora, Minas Gerais, iniciou seus estudos

Fotos - Acervo pessoal



LUIZ OTÁVIO SOUSA SANTOS



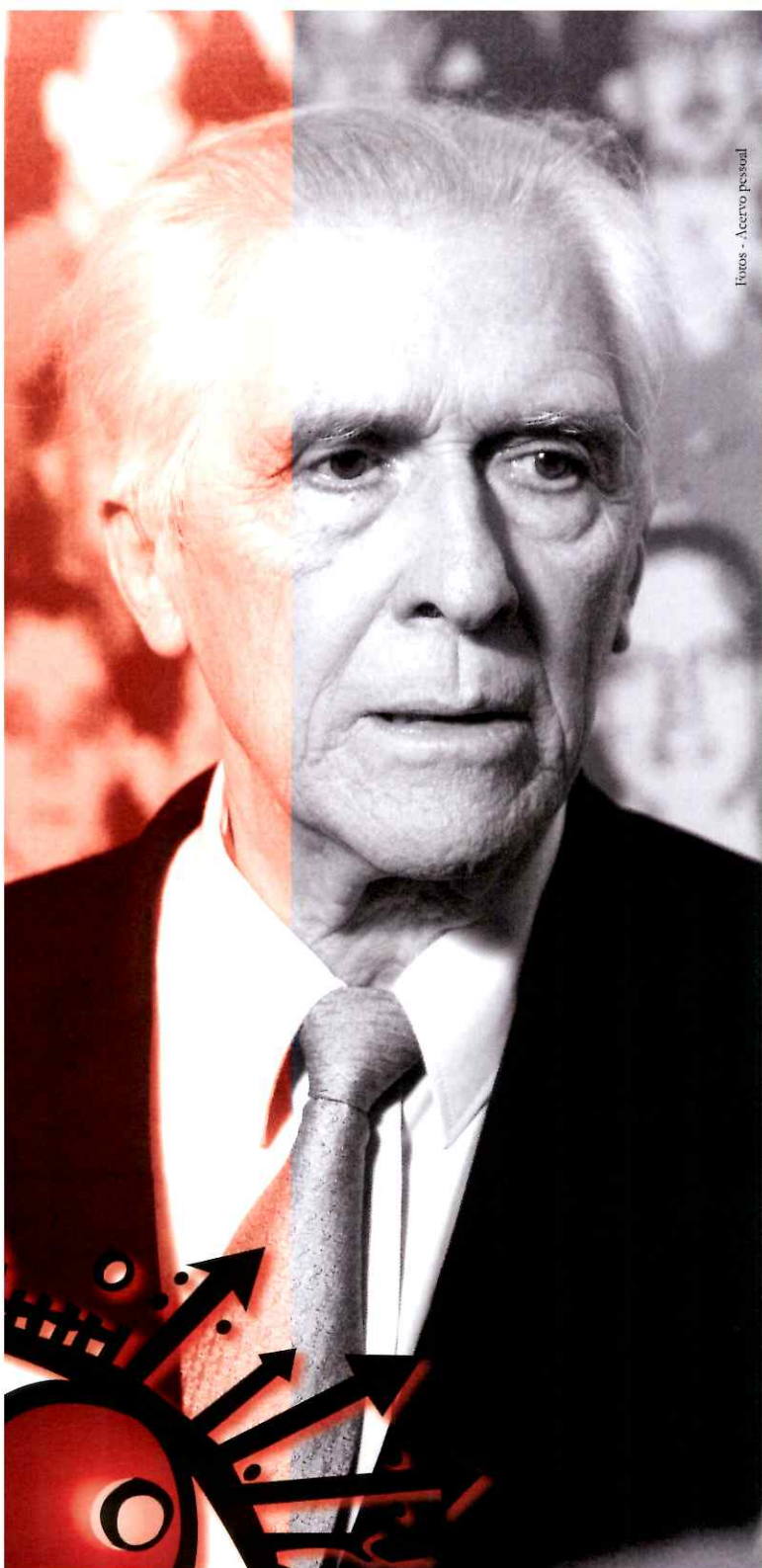
musicais aos 5 anos, primeiramente ao piano e, em seguida, ao violino, sob a orientação de Paulo Bosisio e Bernardo Bessler. Seu interesse pela música antiga o levou a se mudar para a Holanda em 1990, ingressando no Koninklijk Conservatorium Den Haag. Em 1996, obtém o Diploma de Solista com a mais alta distinção.

Como integrante da La Petite Bande, realiza turnês por vári-

os países da Europa, China, Japão, México, Colômbia, Argentina e Brasil, assim como participa de dezenas de CDs e gravações para as TVs belga, francesa e japonesa. Entre 1997 e 2001, atuou como professor da Scuola di música di Fiesole, em Florença. É freqüentemente convidado como júri dos exames finais de conservatórios em várias cidades da Europa e do Brasil, como Conservatoire National Supérieur de Musique de Lyon e Conservatoire de Musique de Geneve, e como professor do XXme Stage de Musique Baroque de Barbastre, França, da Oficina de Música de Curitiba e do Festival Internacional de Música de Brasília. Em 2004 foi professor convidado na Muzikhoehschule de Leipzig, Alemanha. Desde 1998 é professor de violino barroco do Conservatório Real de Bruxelas, Bélgica.

No Brasil, Luís Otávio Santos é Diretor Artístico do Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga de Juiz de Fora, e regente da Orquestra Barroca do Festival, que já gravou quatro CDs com obras de J. S. Bach (Magnificat, Overture BWV1068 e 1066), G. P. Telemann, J. J. Emerico Lobo de Mesquita e André da Silva Gomes.





Professor universitário, cientista político e historiador luso-brasileiro, segundo Barão de São Marcos, por Portugal, o baiano Moniz Bandeira é um especialista em política exterior do Brasil. Autor de mais de 20 obras, todas integrantes da lista das mais lidas na época de seu lançamento, Moniz Bandeira é uma autoridade no tema sobre as relações internacionais entre Brasil e Estados Unidos. Recebeu o Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano 2005, pelo lançamento do livro Formação do Império Americano (da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque).

Luiz Alberto Dias Lima de Vianna Moniz Bandeira nasceu em Salvador, em 30 de Dezembro de 1935, como descendente de tradicionais famílias da aristocracia de Portugal e da Bahia. Desde pequeno gostava de escrever. Aos 13 anos, já fazia poesias. Aos 15, trabalha no Diário da Bahia, iniciando uma car-

LUIZ ALBERTO DE V. M. BANDEIRA



reira no jornalismo que o acompanharia em vários momentos de sua trajetória. Aos 19 anos, muda-se para o Rio de Janeiro, onde publica, em 1956, *Verticais*, seu primeiro livro, um livro de poemas.

Moniz Bandeira diploma-se em Direito na capital carioca e doutora-se em Ciência Política pela USP, em São Paulo. A tese posteriormente

foi publicada como livro, com o título *A expansão do Brasil e formação dos Estados na Bacia do Prata*.

Ainda jovem, Moniz Bandeira começou a desenvolver uma pesquisa que segue até os dias atuais sobre a interferência dos Estados Unidos no governo e na política do Brasil. Foi perseguido durante a ditadura militar, viveu durante 10 anos como clandestino ou preso (foi preso três vezes, entre 1969 e 1973) e viu, da cadeia, o lançamento do livro *Presença dos Estados Unidos no Brasil (Dois Séculos de História)*, lançado em 1973 e que se tornou um clássico na área das relações internacionais. Seu livro *O Governo João Goulart - As lutas sociais no Brasil (1961-1964)* foi best-seller durante seis meses.

Lançou ainda *O Eixo Argentina-Brasil - O processo de Integração da América Latina, Brasil-Estados Unidos: a rivalidade emergente, De Marti a Fidel: a revolução cubana e a América Latina, e As Relações Perigosas: Brasil-Estados Unidos (De Collor a Lula)*, entre outros. Foi professor visitante em diversas universidades da Europa, Brasil e Argentina. Atualmente, vive na Alemanha.



Ococo de roda está indissociavelmente ligado ao nome de uma pernambucana de Vitória de Santo Antão, Selma Ferreira da Silva, Dona Selma do Coco. É ela quem, como

cantora puxadora do folguedo característico do nordeste brasileiro, tem divulgado seu ritmo, nos mais variados palcos do Brasil e do exterior. Nas apresentações de Selma do Coco, todos se transformam em coro, batendo palmas e tentando seguir o ritmo com o pé.



SELMA DO CÔCO

Selma Ferreira da Silva nasceu em 10 de dezembro de 1935 e viveu no interior até os dez anos de idade. Nesta época, vivenciou

as festas populares realizadas no local, todas regadas a muita música. Já vivendo no Recife, casou-se e teve 14 filhos. Aos 30 anos, viúva, transferiu-se para Olinda, para trabalhar como vendedora de tapioca. Nas horas de folga, pra matar as saudades do interior, começou a promover rodas de coco no quintal de sua casa. Em 1994, os rapazes do Mangue Beat, encabeçados por Chico Science, foram conhecer o trabalho de dona Selma. Ficaram assombrados. Daí para a fama e o reconhecimento foi só uma questão de tempo.

Em 1996, o coco A rolinha foi sucesso durante o carnaval do Recife e Olinda. Em 1997, Dona Selma e seu grupo fizeram uma turnê pela Alemanha, que gerou um disco. No ano seguinte, entrou pra história ao participar do Abril pro Rock. Em 1999, surge o segundo disco, Minha História, também lançado na Europa e que faz de Dona Selma uma das vencedoras do Prêmio Sharp. Em 2001, foi a principal atração brasileira no 32o New Orleans Jazz & Heritage Festival, considerado o maior evento do gênero nos Estados Unidos. Apresentou-se acompanhada por três percussionistas e três vocalistas, teve seu show transmitido pela Rádio pública de New Orleans. Em 2004, lançou o CD Jangadeiro. É considerada a musa da nova geração da música de Pernambuco.

foto: Afonso Oliveira





A tor, diretor, produtor e roteirista, Sérgio Britto é um ator de teatro que, como destaca o crítico Yan Michalski, nunca deixou de se desafiar e de acumular conhecimento: “entre os seus companheiros de geração, ele é um dos que mais generosamente se têm aberto às manifestações inovadoras da criação teatral”. Ao longo de sua carreira, atuou em cerca de 90 espetáculos e recebeu todos os principais prêmios da categoria no Brasil.

Sérgio Pedro Corrêa de Britto nasceu no Rio de Janeiro, em 29 de junho de 1923. Aos 22 anos de idade, cursando medicina (que ele concluiria, mas nunca exerceria), tem sua primeira experiência teatral. Quatro anos depois, em 1949, profissionaliza-se, fundando, com Sergio Cardoso, o Teatro dos Doze. No ano seguinte, estréia como diretor, em *O Homem*, *A Besta* e *A Virtude*, de Luigi Pirandello.

Sérgio Britto integrou algumas das principais companhias profis-

SÉRGIO BRITTO

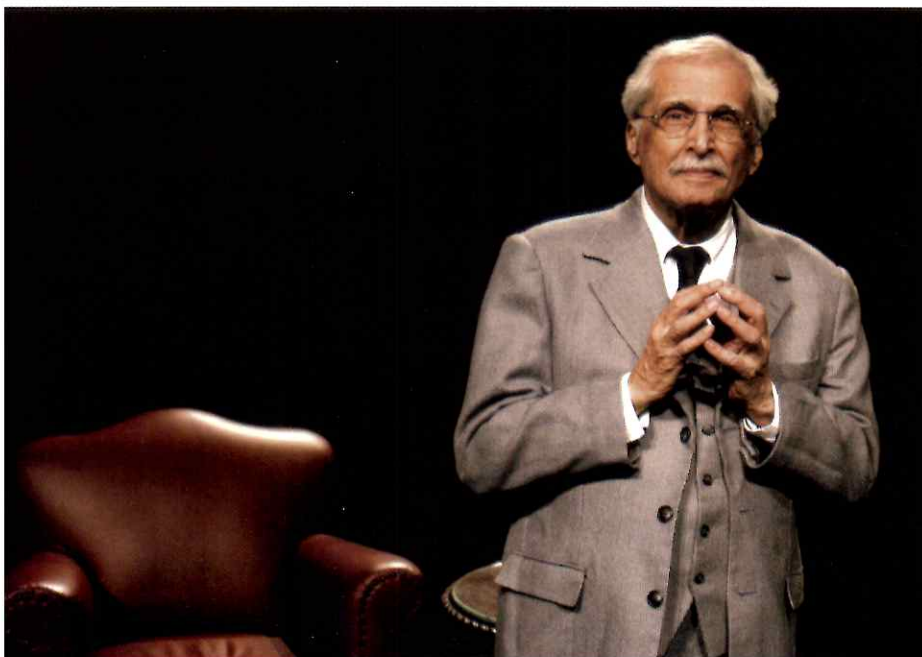


sionais que forjaram a identidade do teatro brasileiro: foi do elenco do Teatro de Arena, do Teatro Maria Della Costa (onde fez uma série de desempenhos decisivos, em cinco espetáculos dirigidos por Gianni Ratto) e do lendário Teatro Brasileiro de Comédia, o TBC. Fundou, com Gianni Ratto, Fernanda Montenegro, Fernando Torres e Ítalo Rossi, o Teatro dos Sete. Foi com o grupo que fez Festival de Comédia, em 1962, que lhe valeu todos os principais prêmios do ano.

Desfeita a companhia, funda a Sergio Britto Produções Artísticas, com a qual mergulha nas novas tendências de representação e encenação e dá uma guinada em sua carreira. É premiado pela atuação em *Tango*, de Slawomir Mrozek, 1972. Em 1978, inaugura o Teatro dos Quatro, que se transforma numa trincheira de um repertório de alto nível e de produções bem cuidadas.

Paralelamente à carreira teatral, Sergio Britto assume diversas funções no cinema. Na televisão, foi pioneiro do teleteatro, tem participado de novelas, minisséries e especiais. É, também, um dos fundadores da escola

de formação Casa das Artes de Laranjeiras, CAL. Na TV Educativa, escreve, dirige e apresenta um programa dedicado ao teatro e à arte de interpretar.





TÔNIA CARRERO

Musa eterna, uma das mais belas mulheres do Brasil em todos os tempos, Tônia Carrero é uma atriz de prestígio que tem marcado o cinema, a televisão e o teatro no Brasil. Tônia Carrero é o nome artístico de Maria Antonieta Portocarrero Thedim, nascida no Rio de Janeiro, em 23 de agosto de 1922, numa família de classe média. Seu pai era militar e terminou a vida como general. Seus irmãos também seguiram a carreira militar, mas a filha escolheu outro caminho. Tônia escolheu a arte.

A jovem Antonieta, primeiro, graduou-se em educação física. Depois, já casada com o artista plástico Carlos Arthur Thiré e mãe de Cecil Thiré, largou tudo e foi fazer cursos de francês e balé em Paris. Na volta, protagonizou o filme Querida Suzana. Sua aparição nas telas foi um fenômeno e os jornais estamparam a frase: “Nasce uma estrela”.

A estréia no teatro viria logo depois, no TBC - Teatro Brasileiro de Comédia, com Um Deus Dormiu Lá em Casa, ao lado do ator Paulo Autran. Casada com o italiano Adolfo Celi, cria com ele e Autran, a Companhia Celi-Autran-Carrero, que, nos anos 50 e 60, revolucionou a cena do teatro brasileiro. O desempenho de Tônia como Desdêmona, na peça Otelo, de Shakespeare, com a qual a companhia fez sua estréia, foi elogiadíssima. Depois foi para o lendário TBC - Teatro Brasileiro de Comédia.

Tônia também tem longa trajetória no cinema: foi estrela dos estúdios da Vera Cruz, atuando em filmes, como Tico-tico no fubá e É proibido beijar. Nunca aceitou trabalhar nas famosas chanchadas da Atlântida. Na televisão, atuou em várias novelas e casos especiais, como Sangue do meu sangue, Pigmaleão 70, O Cafona, Primeiro amor, Esse louco amor e mais recentemente Senhora do Destino. Hoje, aos 85 anos, detém todos os principais prêmios almejados por uma atriz: Molière, APCT, APTESP, Legion des Arts et des Lettres da França e comendas.





VÂNIA TOLEDO



Desde criança, Vânia Rosa Cordeiro de Toledo, nascida em Paracatu em 1945, olhava o mundo de uma maneira especial. As festas, as cerimônias religiosas, os rituais de enterro e velório, que em Minas Gerais são bastante singulares, despertavam na menina uma curiosidade imensa e, chegando em casa, ela era capaz de descrever tudo, com riqueza de detalhes. Até hoje, ela guarda imagens interessantes desta época. Não poderia ser diferente: Vânia Toledo foi ser fotógrafa e é uma das mais importantes do Brasil.

Mas nem sempre foi assim. Vânia Toledo, primeiro, estudou ciências sociais na Universidade de São Paulo, formando-se em 1973. Paralelamente, trabalhou na Editora Abril, onde permaneceu por 10 anos, e deu aulas de história em um colégio em

Osasco. Sempre fotografando de forma amadora. Até que, acompanhando o marido numa temporada em Londres, assumiu sua paixão pela arte fotográfica. Voltou, pediu de demissão e foi pedir emprego em revistas. Em 1978, conheceu Samuel Wainer, dono do jornal *Aqui São Paulo*. Em dois meses, Vânia já era editora de fotografia do jornal.

Três anos depois, Vânia abriu seu próprio estúdio e passou a colaborar para importantes revistas brasileiras, como *Vogue*, *Veja*, *IstoÉ* e *Cláudia*, e do exterior, *Time* e *Life*. Além disso, passou a realizar capas de livros, de discos e calendários. Lançou, em 1980, um livro de fotografias que a destacou como retratista: *Homens*, com uma ousada e bem-humorada coleção de nus masculinos. Em 1992, outra experiência no gênero com *Personagens Femininos*, uma divertida interpretação fotográfica das fantasias de 54 conhecidas atrizes, que lhe valeu o Prêmio Excelência Gráfica, concedido pela Associação Brasileira de Técnicos Gráficos. Transformada em exposição, mereceu o prêmio da APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte.





The image features a solid purple background. On the left side, there is a large, stylized white graphic element that resembles a gear or a series of interlocking shapes. This element is composed of several white outlines of rectangles and trapezoids arranged in a curved, overlapping fashion. The text 'CAVALLEIRO' is written in a large, white, serif font, oriented vertically along the right side of the image. The letters are tall and narrow, with a classic serif design. The overall composition is minimalist and modern, with a strong color contrast between the purple and white.

CAVALLEIRO



Foto: A. Espinosa - Agência de Notícias
Foto: A. Espinosa - Agência de Notícias

" **C**achuera!". Esta é a senha com que se pede a palavra para cantar uma nova cantiga (ou novo ponto) no Jongo. É também com ela que os pesquisadores pedem licença para divulgar

suas apresentações, oficinas, palestras, etc. Portanto, não poderia haver melhor palavra para designar um grupo que se dedica hoje, na cidade de São Paulo, a registrar músicas e danças da tradição oral brasileira, em especial os batuques de terreiro (Jongo, Candomblé e Umbigada) e o universo do Congo.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL CACHUERA!

A Associação Cultural Cachuera! é uma das instituições mais atuantes na divulgação de manifestações da cultura popular de origem afro-brasileira da região Sudeste. Localizada no bairro de Perdizes, também é responsável por um reconhecido trabalho de registro de manifestações artísticas e religiosas.

O grupo nasceu em 1988, das aulas de percussão do músico e etnomusicólogo Paulo Dias dentro do Coral da Universidade de São Paulo. Em 1992, Paulo e seus alunos começaram a pesquisar músicas e danças da tradição oral da região. Constataram a escassez de informações sobre as festas afro-brasileiras do sudeste. Passaram, então, a viajar pelo interior, seguindo o calendário das festas populares e registrando o que encontravam. Mas o universo era muito amplo e foi necessário concentrar as atenções, para não perder o foco. O grupo escolheu trabalhar sobre o universo dos batuques e do Congo.

Apesar de desligados do Coral da USP, os alunos continuaram se encontrando em ensaios, nos quais repassavam o que haviam pesquisado. Não tinha como ser diferente: quatro anos mais tarde, passaram a se apresentar como Grupo Cachuera! e se aventuraram a criar um repertório próprio, com base nos gêneros tradicionais.

Em 1998, o grupo tornou-se Associação Cultural Cachuera! e passou a promover oficinas com mestres populares, apresentações de grupos tradicionais, espetáculos de música e dança, lançamento e exibições de vídeo e DVD. Hoje, seus 17 integrantes seguem viajando e colhendo registros. Suas apresentações ocorrem tanto nos teatros, quanto nas ruas, praças e escolas.





Foto - Cidre Manteiga

Há mais de 100 anos, na cidade de Crato, no Ceará, o agricultor José Lourenço da Silva, conhecido como Aniceto, fundava a Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto. Talvez não adivinhasse que

tantos anos depois seu grupo musical continuaria ativo, graças à continuidade de seu trabalho, feita por seus familiares e amigos. Hoje, a Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto divulga pelo Brasil e no exterior esta que é considerada uma das mais originais, autênticas e tradicionais

BANDA CABAÇAL ...

expressões da cultura popular brasileira.

A Banda Cabaçal – também chamada de Banda de Pífanos (pífaros ou pifes), Zabumba de Couro e Banda de Couro – é a orquestra típica do interior cearense. Está presente em todos os momentos importantes da vida sertaneja: nas festas e cerimônias religiosas (de batizados e procissão a enterros) e nas brincadeiras populares. Em alguns momentos, atua como substituta da banda de metal no acompanhamento de marchas, cerimônias cívicas e militares.

A banda cabaçal é um conjunto instrumental constituído de dois “pifes” (pífanos, flautas rústicas de madeira), zabumba, pratos e caixa de guerra. Seus integrantes, em geral agricultores, são ex-

celentes músicos, compositores e com frequência se revezam nos diferentes instrumentos. Tocam basicamente o baião e suas variações.

A Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto é uma das mais conceituadas do Brasil. Seus integrantes são também exímios atores e mímicos. As apresentações dos Aniceto são repletas de pantomimas e acrobacias, geralmente colocando em evidência a habilidade no manejo de algum instrumento cortante (um facão, por exemplo). A Banda já alcançou considerável projeção, tendo tocado ao lado de artistas como Hermeto Pascoal e gravado três discos: um compacto produzido pelo Ministério da Educação e Cultura (1978), um CD lançado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, através do Projeto Memória do Povo Cearense (1999) e Forró no Cariri (2004). Participou ainda de filmes e documentários para TV. Em 2004, o Mestre Raimundo Aniceto recebeu o diploma de Mestre da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará.



O contato com uma obra de arte de Cildo Meirelles nunca deixa o espectador impune. Ele sai com a cabeça cheia de provocações, questionamentos e nenhuma certeza. Afinal, arte é risco.



CILDO MEIRELLES ...

Nascido no Rio de Janeiro, em 1948, Cildo Meirelles é essencialmente um artista conceitual que tem marcado a arte brasileira com seu trabalho contundente, de forte discurso político e caracterizado pela inventividade na busca de materiais e linguagens – já se disse que uma nota de dinheiro velha e um carimbo são suficientes para Cildo criar uma obra de arte, numa alusão à obra na qual carimbou notas de Cruzeiro (moeda da época) com a frase “Quem matou Herzog?”.

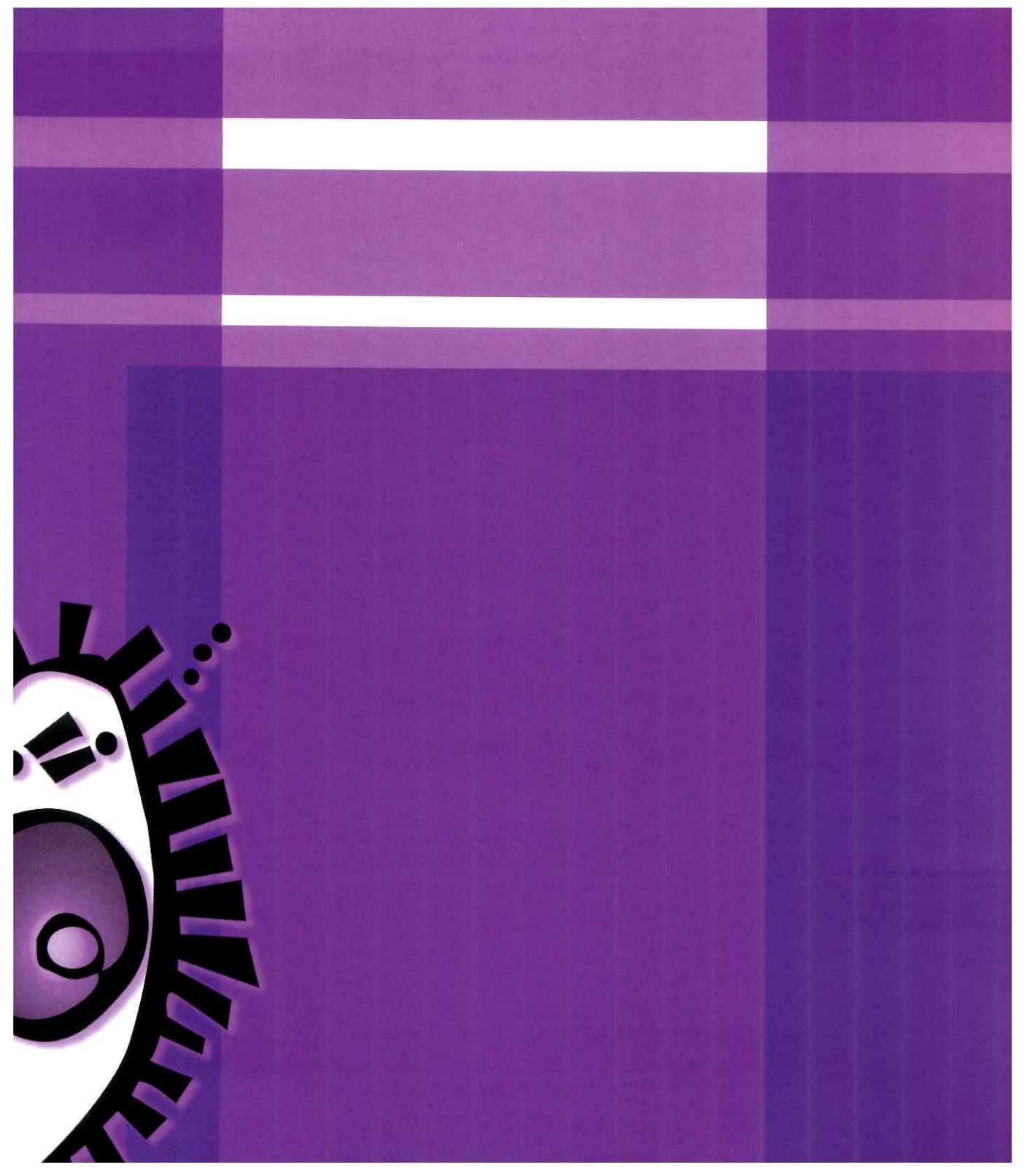
Cildo Meirelles é um artista reconhecido no Brasil e no exterior e tem desempenhado um papel chave dentro da produção artística nacional e internacional. Suas obras dialogam não só com as questões poéticas e artísticas, mas também com o universo geral de temas como estética, política e arte.

Cildo iniciou seus estudos em 1963, em Brasília, onde to-

mou contato com a arte moderna e contemporânea. De volta o Rio de Janeiro, ficou conhecido do grande público quando recebeu, em 1969, o primeiro prêmio do Salão da Bússula, no MAM-Rio. Mas quem achava que ele iria usufruir sua nova condição de gênio se surpreendeu. Pouco tempo depois, o artista se mudou para Nova York e passou a trabalhar como entregador de jornais. Só voltou para o Rio de Janeiro três anos depois.

Durante as décadas de 70 e 80, Cildo concebeu uma série de trabalhos com críticas à ditadura militar. São deste período obras como Zero Cruzeiro e Zero Dollar, nas quais o artista substituiu as efígies de heróis nacionais por índios e internos de instituições psiquiátricas; Tiradentes: totem monumento ao preso político e Projeto Coca Cola, que consistia em escrever, sobre uma garrafa de Coca Cola, a frase “Yankees, go home”. Criou também cenários e figurinos para o teatro e o cinema no Brasil. Um dos fundadores da Unidade Experimental do MAM/RJ, a partir de finais da década de 80, expõe com muita frequência no exterior. Artista multimídia, atualmente concentra suas críticas nos males da globalização.





CLUBE DO CHORO DE BRASÍLIA

Semanalmente, o público da Capital Federal tem a oportunidade de assistir a shows que reúnem alguns dos mais importantes instrumentistas do Brasil. São apresentações intimistas, regadas a conversas informais e boa música. O projeto de música instrumental brasileira mais duradouro e bem sucedido do país, que gerou a primeira escola de música dedicada ao choro no Brasil, nasceu da paixão de ilustres chorões e da determinação de músicos que driblaram as dificuldades com criatividade e empenho. É o Clube do Choro, que atinge, este ano, a marca histórica de 1.600 shows, envolvendo cerca de 800 artistas de todo o país e assistidos por uma platéia estimada em 450 mil pessoas.

Toda esta história começou nos apartamentos de músicos transferidos para o Distrito Federal ainda nos primeiros tempos da cidade. Nomes como o percussionista Pernambuco do

Pandeiro, o saxofonista Nilo Costa, a pianista Neuza França, a flautista Odete Ernest Dias e o cavaquinista Francisco Assis Carvalho emprestavam suas casas para as rodas de choro. Na década de 70, o então governador Elmo Serejo Farias cedeu as instalações de um antigo vestiário do Centro de Convenções para as reuniões dos músicos. Nascia assim a decisão de fundar o Clube do Choro de Brasília, concretizada no dia 9 de setembro de 1977.

Tempos depois, a estrutura do local demonstrou ser inadequada e o local foi abandonado. Só em 1993, sob a direção do jornalista Henrique Lima Santos Filho, o Reco do Bandolim, é que o cenário começou a mudar. O local passou por uma grande reforma e foi reinaugurado em 1997, já com uma programação que inclui shows semanais de músicos da cidade e de outros centros. Um ano depois, o projeto gerou a primeira escola de Choro do Brasil, fundada em Brasília a 29 de abril de 1998 e batizada com o nome do grande violonista Raphael Rabello, um dos patronos do Clube do Choro. Hoje, a escola atende a 300 alunos, formando instrumentistas do talento de Hamilton de Holanda.





Arte-educação, cultura popular, informação, cidadania. Palavras-chaves no trabalho da Escola Picolino de Artes do Circo, criada em 1985, pelos artistas Anselmo Serrat e Verônica Tamaoki. Com o circo, crianças e adolescentes são levados a tomar contato com novos horizontes de atuação e possibilidades saudáveis de desenvolvimento pessoal, profissional, comunitário.

A Escola Picolino de Artes do Circo nasceu em Salvador, como uma escola de circo particular. No entanto, desde os primeiros tempos, vem trabalhando no atendimento a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Em 1997, com a criação da Associação Picolino de Artes do Circo, uma Organização Não Governamental, sem fins lucrativos, os projetos foram diversificados.

Durante estes 22 anos de trabalho, mais de 2.000 crianças, adolescentes e jovens já fizeram aulas na Escola Picolino, muitos deles se formaram artistas de

ESCOLA DE CIRCO PICOLINO ...

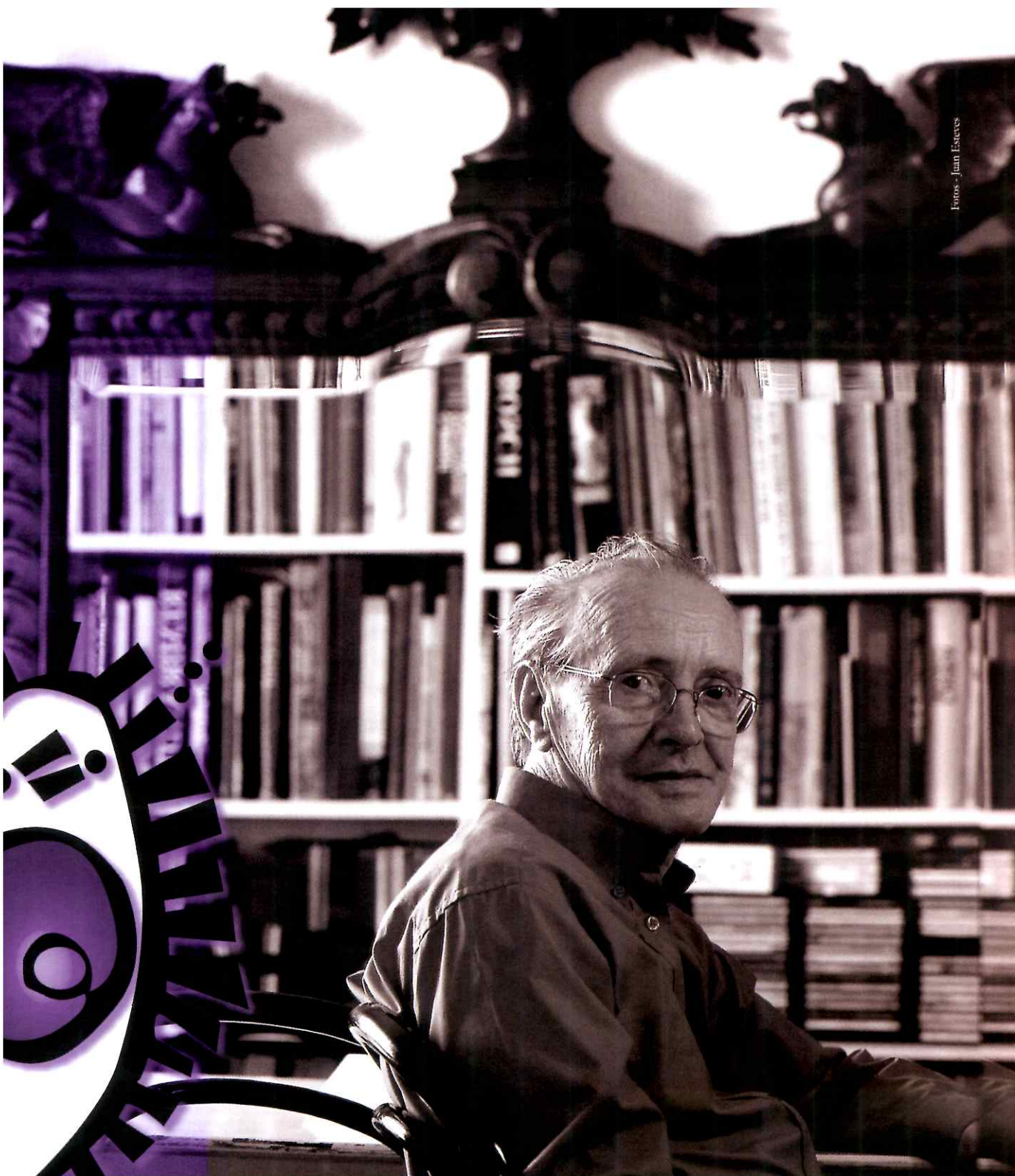
circo e alguns foram contratados por grandes companhias de circo do Brasil e do exterior, como o Cirque du Soleil.

A Picolino atua a partir de oito projetos principais. O Viva o Circo, o mais antigo da escola, é voltado para a pesquisa, criação, montagem e apresentação de espetáculo circense. O Arte-Circo-Educação é dirigido a crianças e adolescentes e oferece educação integral, reduzindo a vulnerabilidade social. O Programa de Acompanhamento Escolar visa garantir a educação básica dos alunos da Escola. O projeto Circo na Escola atende a alunos de primeira a quarta série do ensino fundamental, como atividade complementar. O Projeto de Formação de Jovens Artistas atende a 40 adolescentes e jovens, que recebem aulas de circo, atividades complementares e acompanhamento e apoio escolar. O Curso de Formação de Instru-




tores de Circo prepara profissionais para transmitir a arte do circo como educadores no atendimento social e desenvolvimento pessoal de crianças e adolescentes. O Todo Mundo Vai ao Circo consiste na realização de espetáculos de circo, realizados pela Companhia Picolino e dirigidos para alunos do ensino fundamental das escolas públicas e comunitárias. E o projeto Hoje Tem Espetáculo amplia ainda mais o horizonte da escola, chegando a cinco cidades do interior da Bahia.





MARCELLO GRASSMANN

 Um dos mais premiados artistas do País. Gravador, ilustrador, escultor e professor, Marcello Grassmann tem povoado o mundo com suas criaturas que extrapolam os limites do real. Reconhecido internacionalmente como um dos maiores gravadores brasileiros, Grassmann mantém várias obras em acervos dos principais museus do Brasil e do exterior.


Marcello Grassmann nasceu em São Simão, São Paulo, em 23 de setembro de 1925. Aos 12 anos de idade, ficou fascinado pelo universo das histórias em quadrinhos e pelas ilustrações de Gustave Doré. Quatro anos mais tarde, foi estudar fundição, entalhe e mecânica. Depois, a conselho de Goeldi frequenta cursos de gravura em metal e litografia. É também buscando aperfeiçoamento na técnica da litografia que vai a Viena, na Áustria, estudar na Academia

de Artes Aplicadas. Ao voltar em 1955, conquista, na III Bienal de São Paulo, o prêmio Melhor Gravador Nacional.

No início, a obra de Grassmann apresenta ligações com o expressionismo, mas o artista tinha um estilo muito singular e dá uma guinada em direção ao universo mítico e fantástico. Suas figuras – demônios, cavaleiros, seres mitológicos – fazem lembrar as criaturas de Hieronymus Bosch e Alfred Kubin. Ao longo da carreira, interessa-se por história da arte e mitologia e, paralelamente a seu trabalho como artista, dedica-se ao magistério dando cursos em São Paulo e no Rio Grande do Sul.

Com uma simbologia gráfica extremamente rica e técnica muito pessoal e refinada, Grassmann tem seu talento reconhecido através da conquista de vários prêmios. Na Bienal de São Paulo, da qual participou nove vezes, foi melhor desenhista em 1959, merecedor de sala especial para gravuras em 1961 e prêmio aquisição em 1967. Na Bienal de Paris, recebeu o prêmio de melhor desenho, em 1959. Participou ainda de quatro edições da Bienal de Veneza e também da Bienal de Tóquio. Aos 82 anos de idade, mantém-se fiel aos traços do desenho e à artesanaria da gravura.





Museu, jardim botânico, zoológico, centro de pesquisa e biblioteca, o Museu Paraense Emílio Goeldi é o mais antigo do gênero no País. Instituição de pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia do Brasil, o Museu tem sido responsável por um importante trabalho de pesquisa dos sistemas naturais e socioculturais da Amazônia, assim como de divulgação de conhecimentos e acervos. Suas atividades contribuem para a formação da memória cultural e para o desenvolvimento regional.

O Museu Paraense Emílio Goeldi foi criado em 6 de outubro de 1866, em Belém, no estado do Pará, pelo naturalista Domingos Soares Ferreira Penna, já com o propósito de se dedicar à pesquisa na região amazônica. Ao longo dos anos, foi diversificando seu conhecimento e difusão do saber científico e hoje atinge diversas áreas como Botânica, Zoologia, Antropologia, Arqueologia, Ecologia, Linguística e Ciências da Terra.

MUSEU PARAENSE

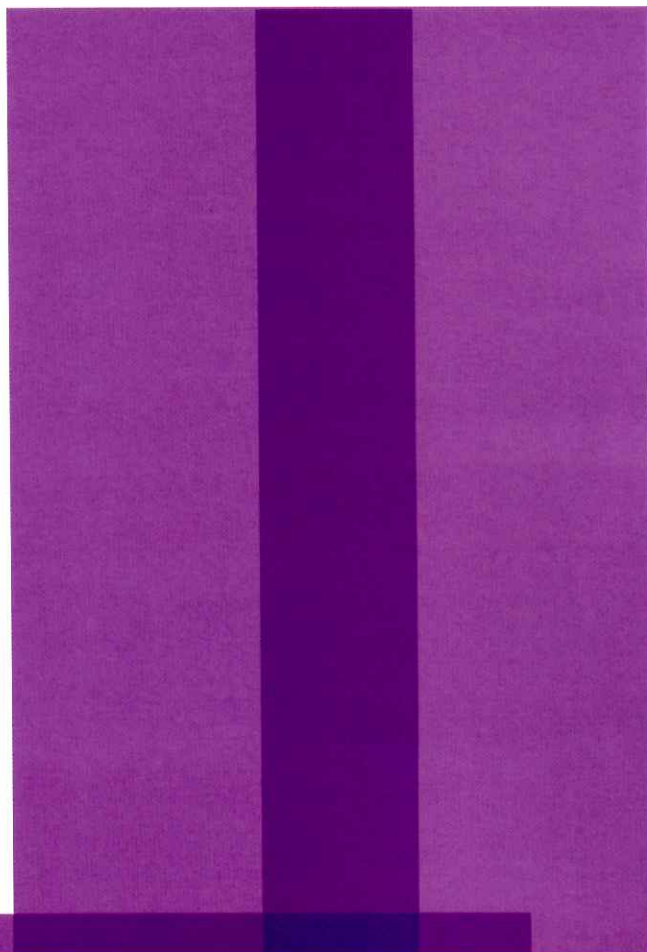
EMÍLIO GOELD

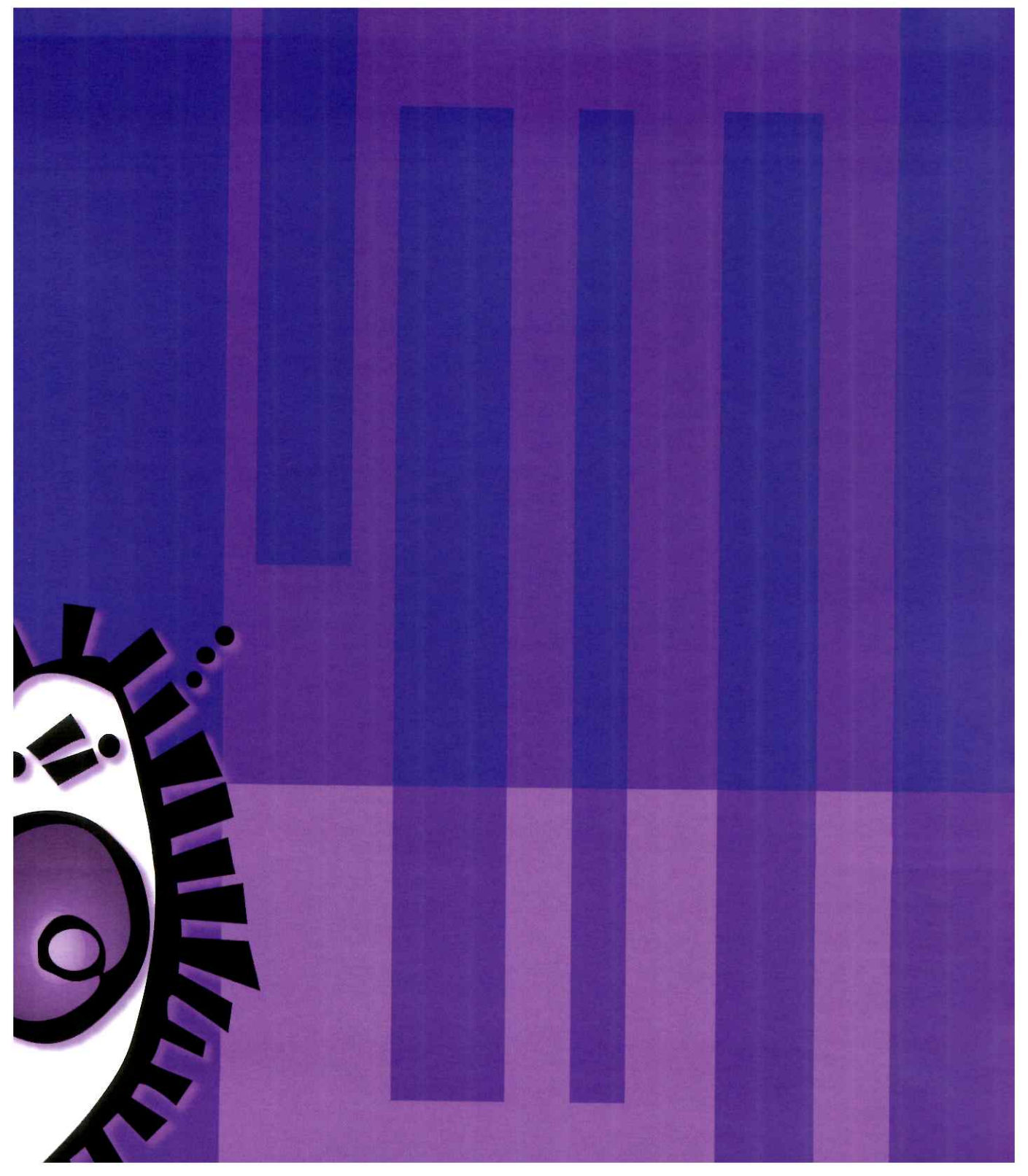
O Museu foi batizado em homenagem ao naturalista e zoólogo suíço-brasileiro Emílio Augusto Goeldi, que chegou ao Brasil em 1880 para trabalhar no Museu Nacional Brasileiro no Rio de Janeiro, indo posteriormente trabalhar no Museu Paraense (que posteriormente receberia seu nome), onde permaneceu até 1907, dez anos antes de falecer.

A instituição atua a partir de três centros, o Parque Zoobotânico, o Campus de Pesquisa e a Estação Científica Ferreira Penna, que tem cerca de 30 mil hectares e está localizada a aproximadamente 200 km de Belém, na Floresta Nacional de Caxiuanã. O Parque concentra as atividades educativas do Museu Goeldi e um laboratório para aulas práticas. Recebe anualmente cerca de 200 mil visitantes.

Na Estação Científica Ferreira Penna, o Museu desenvolve

o projeto Inventário Multi-taxonômico de Caxiuanã, com o objetivo de inventariar plantas, fungos e animais para estimar a diversidade de vida na floresta. Este trabalho de levantamento da diversidade biológica é desenvolvido pelos pesquisadores ligados ao museu também na Serra do Cachimbo e no Arquipélago do Marajó.





PROGRAMA CASTELO RÁ-TIM-BUM

Educar e, ao mesmo tempo, entreter. Este é o desafio de educadores quando confrontados com as inúmeras possibilidades de comunicação nestes tempos midiáticos. E, neste ponto, são poucos os exemplos de sucesso. O Programa Castelo Rá-Tim-Bum é um destes. Produzido e transmitido pela TV Cultura (e pela Rede Pública de Televisão), Castelo Rá-Tim-Bum é voltado para o público infanto-juvenil e segue uma abordagem pedagógica. Infelizmente, o programa só foi produzido durante quatro anos, mas seus episódios continuam sendo reexibidos incansavelmente, pela Rede Cultura, indo ao ar diariamente, para alegria de crianças, educadores e pais.

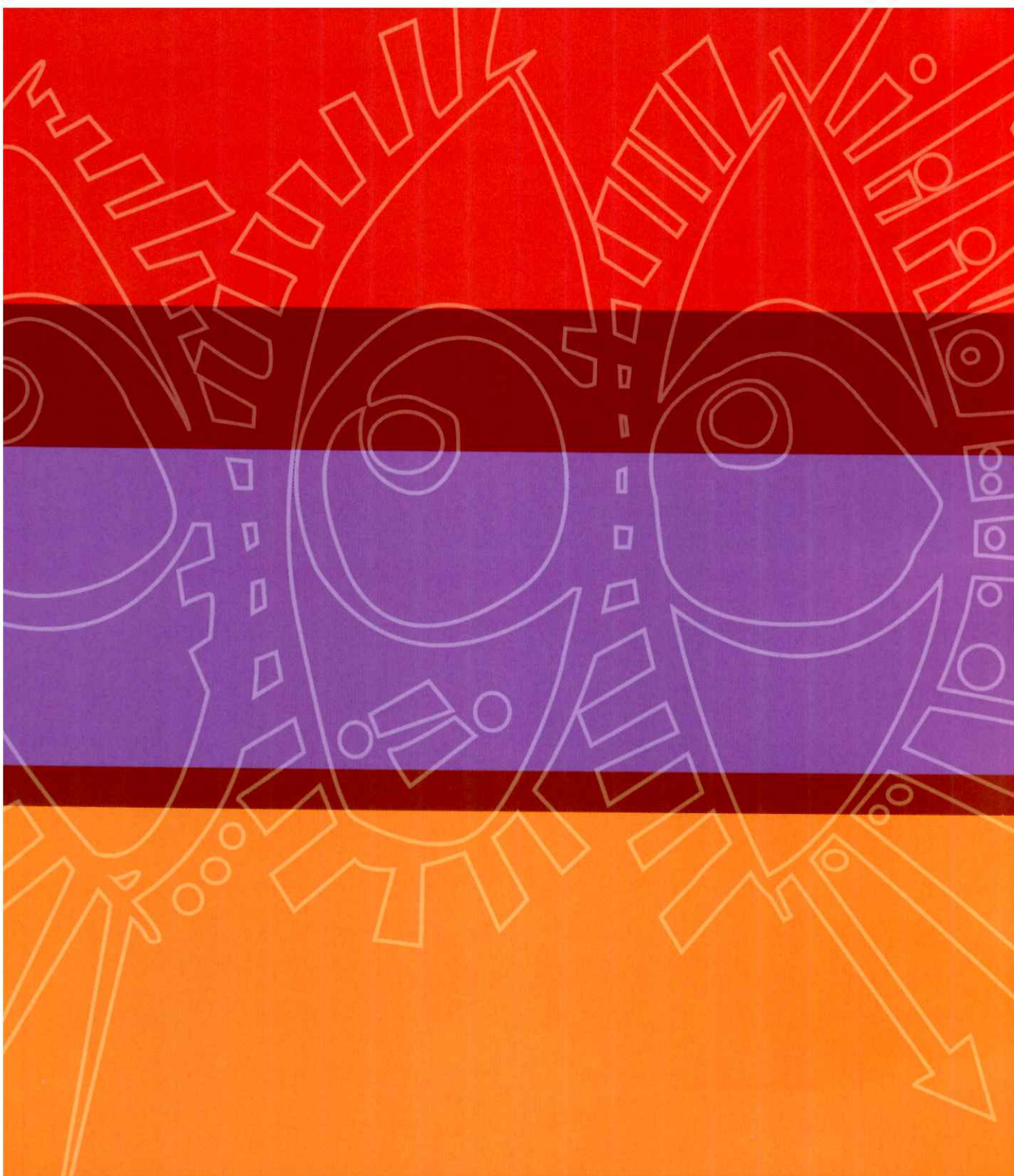
A história do programa Castelo Rá-Tim-Bum começa no dia 9 de maio de 1994 e vai até 1997, quando deixa de ser produzido. Uma criação do dramaturgo Flávio de Souza e do diretor

Cao Hamburger, com roteiros de Dionísio Jacob (Tacus), Cláudia Dalla Verde, Anna Muylaert, entre outros, Castelo Rá-Tim-Bum é uma prova incontestável de que é possível criar peças educativas que divertem, acima de tudo.

O programa se concentra na história de Nino, um garoto de 300 anos de idade, que mora num castelo dentro da cidade de São Paulo. Impedido de frequentar a escola por causa da idade, Nino não tem amigos e mora com os tios Victor (3.000 anos) e Morgana (6.000 anos). Mas ele consegue atrair para seu castelo três crianças que se tornam amigas e passam a tomar parte em suas aventuras. A partir deste enredo comum, o programa inclui quadros fixos que explicam os experimentos científicos, os instrumentos musicais, o porquê das coisas, a importância da higiene pessoal, a história das civilizações e até boas noções de matemática.

O programa inventa, cria, produz elementos que levam à aprendizagem. Consegue, com criatividade e competência, ser a interação do compromisso educativo com a fantasia, com os conflitos pessoais e com as emoções. Em 1999, Castelo Rá-Tim-Bum chegou ao formato de longa-metragem, também sob direção de Cao Hamburger.







AGRACIANDOS DE 1995 A 2006

1995

Antonio Carlos Magalhães
Celso Furtado
Fernanda Montenegro
Joãozinho Trinta
Jorge Amado
José Mindlin
José Sarney
Manoel Nascimento Brito
Nise da Silveira
Oscar Niemeyer
Pietro Maria Bardi
Ricardo Gribel
Roberto Marinho

1996

Athos Bulcão
Bibi Ferreira
Caribé
Carlos Eduardo M. Ferreira
Edemar Cid Ferreira
Francisco Brennand
Franco Montoro
Jens Olesen
Joel Mendes Rennó
Max Justo Guedes
Mestre Didi
Nélida Piñon
Olavo Serúbal
Padre Vaz
Sérgio Motta
Walter Moreira Salles

1997

Adélia Prado
Antônio Poteiro
Antônio Salgado
Braguinha
David Assayag
Diogo Pacheco
Dona Lenoca
Fayga Ostrower
Gilberto Chateaubriand
Gilberto Ferrez
Helena Severo
Hilda Hilst
Jorge da Cunha Lima
Jorge Gerdau
José Ermírio de Moraes
José Safra
Lúcio Costa
Luis Carlos Barreto
Mãe Olga do Alaketu
Marcos Vinícios Vilaça
Maria Clara Machado
Robert Broughton
Ubiratan Aguiar
Wladimir Murtinho

1998

Abram Szajman
Altamiro Carrilho
Antonio Britto
Ariano Suassuna
Cacá Diegues
Décio de Almeida Prado
Franz Weissmann
João Carlos Martins
José Hugo Celidônio
Lily Marinho
Mãe Cleusa do Gantois
Milú Villela
Miguel Jorge
D. Neuma da Mangueira
Octávio Frias
Olavo Monteiro de Carvalho
Paulo Autran
Paulo César Ximenes
Roseana Sarney
Ruth Rocha
Ruy Mesquita
Sebastião Salgado
Walter Hugo Khoury
Zenildo de Lucena

2003

Agostino da Silva in memoriam
 Aloísio Magalhães in memoriam
 Ary Barroso in memoriam
 Candido Portinari in memoriam
 Carmem Costa
 Dorival Caymmi
 Haroldo de Campos in memoriam
 Judith Cortesão
 Manoel de Barros
 Milton Santos in memoriam
 Antônio Nóbrega
 Bené Fonteles
 Benedito Nunes
 Casseta & Planeta
 Chico Buarque de Holanda
 Eduardo Bueno
 Hebert Vianna
 Jorge Mautner
 Luiz Costa Lima
 Maestro Gilberto Mendes
 Marília Pêra
 Mestre João Pequeno
 Moacyr Scliar
 Nelson Pereira dos Santos
 Rita Lee
 Roberto Farias
 Rogério Sganzerla
 Rubinho do Vale
 Velha Guarda da Portela
 Zezé Di Camargo e Luciano
 Afro Reggae
 Boi Caprichoso
 Boi Garantido
 Associação de Bandas Congo da Serra
 Coral dos Guarani
 Jongo da Serrinha
 Mangueira do Amanhã
 Grupo Ponto de Partida e Meninos de Araçuaí
 Projeto Axé
 Projeto Guri

2004

Alberto da Costa e Silva
 Angeli
 Arnaldo Carrilho
 Caetano Veloso
 Candomblé do Povo do Açude - Serra do Cipó
 Ceguinhas de Campina Grande
 Companhia Barrica
 Cordão da Bola Preta
 Danilo Miranda
 Fernando Sabino in memoriam
 Franco Fontana
 Frans Krajcberg
 Fundação Casa Grande
 Geraldo Sarno
 Inezita Barroso
 João Donato
 José Júlio Pereira Cordeiro Blanco
 Lia de Itamaracá
 Liz Calder
 Marcia Haydée
 Mauricio de Sousa
 Movimento Arte contra a Barbárie
 Odete Lara
 Olga Prager Coelho
 Orlando Villas-Bôas in memoriam
 Ozualdo Candeias
 Paracatum - Escola Profissional de Músicos
 Paulo José
 Paulo Mendes da Rocha
 Pelé
 Povo Panará
 Projeto Daná Comunidade
 Pulsar Cia. de Dança
 Rachel de Queiroz in memoriam
 Renato Russo in memoriam
 Teatro Oficina Uzyna Uzona
 Violeta Arraes
 Vó Maria
 Walter Firmo
 Waly Salomão in memoriam

2005

Alfredo Bosi
Almeida Prado
Ana das Carrancas
Antônio Dias
Antônio Menezes
Augusto Boal
Augusto Carlos da Silva Telles
Balé Stagium
Grupo Musical Bandolins de Oeiras
Carlos Lopes
Circuito Universitário de Cultura e Arte - CUCA
União Nacional dos Estudantes - UNE
Cleyde Yáconis
Clóvis Moura in memoriam
Darcy Ribeiro in memoriam
Eduardo Coutinho
Egberto Gismonti
Eliane Lage
Henri Salvador
Isabel Mendes da Cunha
João Gilberto
José Mijica Marins
Lino Rojas
Maria Bethânia
Mário Carveiro
Maurice Capovilla
Mestre Bimba in memoriam
Mestre Pastinha in memoriam
Dona Militana
Movimento Mangue Beat
Museu Casa do Pontal
Nei Lopes
Nino Fernandes
Paulo Linhares
Pinduca
Roger Avanzi
Ruth de Souza
Silviano Santiago
Xangô da Mangueira
Ziraldo

2006

Amir Haddad
Banda de Pifanos de Caruaru
Casa de Cultura Tainã
Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré
Concelho Internacional de Museus
Cora Coralina in memoriam
Daniel Munduruku
Dino Garcia Carrera in memoriam
Dona Lygia
Dona Teté Cacuriá
Emmanuel Nassar
Escola de Museologia da UniRio
Feira do Livro de Porto Alegre
Fernando Birri
Grupo Corpo
Intrépida Trupe
Josué de Castro in memoriam
José Mindlin
Júlio Bressane
Laura Cardoso
Lauro César Muniz
Luiz Phelipe de Carvalho Castro Andrès
Mário Cravo Neto
Mário de Andrade in memoriam
Mário Pedrosa in memoriam
Mestre Eugênio
Mestre Varequete
Ministério da Cultura da Espanha
Moacir Santos in memoriam
Museu de Arqueologia do Xingó
Rodrigo Mello Franco de Andrade in memoriam
Paulo Cezar Saraceni
Pompeu Christóvam de Pina
Racionais MC's
Sábato Magaldi
Santos Dumont in memoriam
Seu Teodoro do Boi
Sivuca
Tânia Andrade Lima
Tomie Ohtake
Vladimir Carvalho

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República

Gilberto Gil
Ministro da Cultura

Juca Ferreira
Secretário Executivo

Alfredo Manevy
Secretário de Políticas Culturais

Célio Turino
Secretário de Programas e Projetos Culturais

Sérgio Mamberti
Secretário da Identidade e Diversidade Cultural

Marco Acco
Secretário de Articulação Institucional

Roberto Nascimento
Secretário de Fomento e Incentivo à Cultura

Tânia Regina Leite
Secretária do Audiovisual - Interina

ORDEM DO MÉRITO CULTURAL 2007

Realização
Ministério da Cultura

Assessor Especial do Ministro
Paulo Brum Ferreira

Coordenação de Produção
Cleusmar Fernandes

Coordenação Editorial e Produção Gráfica
André Alan Simas

Identidade Visual e Design Editorial
Déia Francischetti
Carlos Eduardo Francischetti

Texto Apresentação
Afonso Henrique Luz

Textos Agraciados
Carmem Moretzsohn

Revisão de Textos
Maria Alice Monteiro e
Assessoria de Comunicação Social
do Ministério da Cultura

Agradecimentos Especiais

Isabella Madeira
Chefe de gabinete do Ministro

Silvana Meirelles
Chefe de gabinete da Secretaria Executiva

Secretaria de Programas e Projetos Culturais,
Representação Regional de Minas Gerais,
Iphan e a todos aqueles que colaboraram para a
realização do evento.

Ministério
da Cultura

